



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Carmen Beatriz Heisecke de Almeida

Partilhando Trajetórias:
professoras do curso de Ciências Sociais na UFSC

Florianópolis
2023

Carmen Beatriz Heisecke de Almeida

Partilhando Trajetórias:
professoras do curso de Ciências Sociais na UFSC

Trabalho de Conclusão de Curso ao curso de Ciências Sociais
do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais
Orientadora: Profa Dra Miriam Pillar Grossi

FLORIANÓPOLIS

2023

ALMEIDA, CARMEN BEATRIZ HEISECKE DE
PARTILHANDO TRAJETÓRIAS : PROFESSORAS DO CURSO DE CIÊNCIAS
SOCIAIS DA UFSC / CARMEN BEATRIZ HEISECKE DE ALMEIDA ;
orientadora, MIRIAM PILLAR GROSSI, 2023.
53 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, Graduação em Ciências Sociais, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. MULHERES CIENTISTAS. 3. FEMINISMO. 4.
GENERO. 5. TRAJETÓRIAS. I. GROSSI, MIRIAM PILLAR. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências
Sociais. III. Título.

Carmen Beatriz Heisecke de Almeida

Título: Partilhando Trajetórias: Professoras do Curso de Ciências Sociais da UFSC

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de licenciada e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais.

Florianópolis, 14 de agosto de 2023.

Coordenação do Curso

Banca examinadora:

Profa Dra Miriam Pillar Grossi - Orientadora

Profa Dra Elisete Schwade- UFRN

Profa Dra Alinne de Lima Bonetti - UFSC

Profa Dra Barbara Michele Amorim- SED/SC

Para Sara, Adriana e Márcio,
que caminham comigo, mesmo na distância.

AGRADECIMENTOS

Para começar, gostaria de agradecer às professoras Miriam Grossi e Alinne Bonetti, que me apresentaram as teorias das linhagens feministas. O contato com elas me reaproximou do Curso de Ciências Sociais, que iniciei há 25 anos, através de leituras que trazem potência e um colorido especial na minha vida. Em especial agradeço à minha orientadora que, após meu pedido, felizmente me aceitou na equipe e me concedeu a oportunidade de aprender com ela e trabalhar com esse rico material produzido pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS).

A todas as 23 professoras que concederam entrevistas ao Núcleo, compartilhando conosco suas vivências, suas maestrias dedicadas à construção do pensamento científico dentro do Curso de Ciências Sociais da UFSC e no mundo. Mulheres pioneiras, as quais reverenciamos, por abrir o campo, permitindo modelos mais diversos no fazer e no ensinar.

A toda equipe NIGS que me acolheu com respeito, seriedade e graça. À inspirada equipe realizadora do documentário “Reposicionando o Olhar: pioneiras da Ciências Sociais UFSC: Suzana Vergara, Vitoria da Silveira, Evelin Neves e Bárbara Amorim.

Aos meus amores: minha companheira e incentivadora Flávia Bossoni Dionisio, meus filhos - Alice e Tomás, e meu pai Sérgio.

RESUMO

Neste trabalho procurei analisar a trajetória acadêmica de nove professoras do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, a partir de entrevistas realizadas entre 2020 e 2023 por equipe de alunas e professoras pesquisadoras do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades da UFSC. Tratam-se de mulheres trabalhadoras que estiveram presentes ao longo dos primeiros 50 anos de história do Curso (1973-2023), contribuindo com a formação de seus currículos acadêmicos nas suas três áreas relacionadas – Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Com relevante participação em aspectos relacionados à gestão, ensino, pesquisa e extensão, a partir de seus relatos, procurei relacionar aspectos das suas vidas pessoais e profissionais com suas trajetórias acadêmicas, inseridas no contexto histórico em que se desenvolveram. Com o auxílio de quadros analíticos procurei qualificá-las, utilizando como referência metodológica as epistemologias feministas adotadas pelo núcleo de pesquisa em que o trabalho se desenvolveu, dando ênfase às contribuições trazidas nas entrevistas pelas próprias professoras, que as diferenciam e as qualificam como mulheres protagonistas dentro do campo científico.

Palavras-chave: mulheres cientistas, História das Ciências Sociais, trajetórias, gênero e feminismo.

ABSTRACT

In this work I brought the academic trajectory of nine women professors of the Social Sciences Course at the Federal University of Santa Catarina (UFSC), research based on interviews conducted between 2020 and 2023 by a team of female students and professors from the Nucleus of Gender Identities and Subjectivities at UFSC. These are working women who together were present throughout the first 50 years (1973-2023) of the Course's history, contributing to the formation of its academic curriculum in its three related areas – Sociology, Anthropology and Political Science. With relevant participation in aspects related to management, teaching, research and extension. Based on their reports, I tried to relate aspects of their personal and professional lives with their academic trajectories, inserted in the historical context in which they developed. With the help of analytical tables, I tried to qualify them, using as a methodological reference the feminist epistemologies adopted by the research center in which the work was developed, emphasizing the contributions brought in the interviews by the teachers themselves, that differentiates and qualifies them as protagonist women within the scientific field.

Keywords: women scientists, History of Social Sciences, trajectories, gender and feminism.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Entrevistas utilizadas no TCL, por ordem de ingresso na UFSC	17
Quadro 2 - Trajetórias de formação acadêmica por ordem de ano de nascimento.....	21
Quadro 3 - Relação dos títulos de Mestrado, segundo ano de obtenção do diploma de mestre.....	33
Quadro 4 - Família : conjugalidade, filhos rede de apoio	39
Quadro 5- Pesquisa: núcleos e destaques	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: PALAVRAS INTRODUTÓRIAS	10
Capítulo 2: METODOLOGIA E OBJETO DA PESQUISA	13
2.1 NIGS E A PESQUISA SOBRE MULHERES NA CIÊNCIA	13
2.2 FAZENDO PARTE DA EQUIPE	15
2.2.1 Documentário “Reposicionando o Olhar: Pioneiras nas Ciências Sociais da UFSC” ..	15
2.3 AS PROFESSORAS ESCOLHIDAS PARA O TCL	16
2.3.1 Quem são elas	17
2.3.2 O conteúdo das entrevistas e escolha do anonimato	18
Capítulo 3: HISTÓRIA DE VIDA / TRAJETÓRIA PESSOAL	20
3.1 QUADRO COMPARATIVO DAS PROFESSORAS	21
3.1.1 Origem, infância e ensino fundamental	25
3.1.2 Ensino médio, juventude e profissionalização	27
3.1.3 Graduação	30
3.1.4 Pós-graduação: mestrado e doutorado	32
3.2 GÊNERO, CONJUGALIDADES E FEMINISMO	37
3.2.1 Carreira e conjugidades	40
3.2.3 Maternidade e Rede de Apoio	41
Capítulo 4: A PARTICIPAÇÃO DAS PROFESSORAS NO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS NA UFSC - DA IMPLEMENTAÇÃO A SUA CONSOLIDAÇÃO	46
4.1 ANTECEDENTES	46
4.2 O CURSO	47
4.3 ATUAÇÃO PROFISSIONAL	48
4.3.1 Cargos de Gestão	48
4.3.2 Contribuição para o ensino	49
4.3.3 Contribuição para a pesquisa e na extensão	50
Capítulo 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56

1. INTRODUÇÃO

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

Quando a professora Miriam Grossi me perguntou se eu gostaria de fazer meu TCL no tema da história do Curso de Ciências Sociais, mais particularmente sobre suas professoras, não pensei duas vezes. Olhar as biografias de forma auto reflexiva, mesmo sabendo que elas podem ser mais ou menos ficcionais, é um tema que já me movia há algum tempo. Ainda mais, poder realizar este trabalho, com a orientação de professora feminista, autora do artigo “A Dor da Tese”, não tinha como dizer não.

Só depois de já ter aceitado, dimensionei os desafios que o projeto envolvia. Significou me integrar em uma equipe, com outras alunas, ter que dedicar mais horas ao extenso trabalho universitário, significava ter a responsabilidade de trabalhar o material com muito cuidado, pois se trata da vida de mulheres que confiaram ao compartilhar suas histórias de vida com as pesquisadoras do *Projeto Outros Olhares*. E depois de me aproximar de seus currículos, percebi que se tratavam de mulheres da mesma geração da minha mãe. Esta havia falecido recentemente, após ter ficado por dois anos doente em casa, quando tive a oportunidade de trocar longas conversas biográficas com ela e foi assim uma oportunidade de re-significar relatos profundos da feminilidade da minha ancestralidade.

Nos primeiros contatos com as professoras do Curso de Ciências Sociais da UFSC elas já deixavam claro que sabiam do que se tratava a entrevista, por ser mais uma pesquisa universitária. Já tinham feito isso tudo e não fizeram questão de mostrar simpatia à proposta. No dia da entrevista, entretanto, elas davam uma aula. Foi muito interessante presenciar a profundidade destas mulheres maduras: cada uma no seu jeito, com suas questões, ciente de tudo que estava sendo observado. Mesmo assim, em alguns casos mais e em outros menos, abriram suas vidas para suas espectadoras, nós da equipe de pesquisadoras do projeto.

Em relação ao feminismo, todas ou quase todas tinham ciência do trabalho do NIGS. Abordando o tema do feminismo dentro de suas narrativas de vida, muitas vezes de forma técnica, outras vezes de forma auto reflexiva e analítica. Em alguns momentos, algumas negaram proximidade com o tema *feminismo*, mas em seguida faziam questão de entrar nos contextos de gênero. Um outro tema que me chamou atenção foi a objetivação da própria velhice pois em vários momentos elas fizeram observações sobre suas limitações, advindas

com a idade, fazendo referência e ligação com o autocuidado e a produção de trabalhos manuais artísticos, nesta nova fase de suas vidas.



As pioneiras no dia do lançamento do documentário “Reposicionando o Olhar: Pioneiras das Ciências Sociais da UFSC”, Auditório do CFH-UFSC 28 de abril de 2023.

Da esquerda para Direita as professoras Maria Amélia Dickie, Vera Beatriz Felix Teixeira, Neusa Maria Sens Bloemer, Julia Silvia Guivant, Janice Tirelli Pontes de Souza, Carmen Silvia Rial, Miriam Furtado Hartung, Maria Ignez Silveira Paulilo, Tamara Benakouche, Antonella Maria Imperatriz Tassinari, Ilka Boaventura Leite, Miriam Pillar Grossi, Maria Soledad Etcheverry Orchard.

No dia da da apresentação do documentário¹ sobre os 50 anos do Curso de Ciências Sociais da UFSC, ao menos metade das entrevistadas estavam presentes. Para o vídeo, utilizamos trechos de todas as 23 entrevistas realizadas e mais três realizadas por outras fontes. Nós, do núcleo, estávamos apreensivas sobre a reação delas, em ver os relatos pessoais picotadas, editadas na nossa tentativa de contar a história institucional. Foi um alívio, depois da apresentação, ouvir seus depoimentos agradecendo a homenagem. Como na fala da professora Janice Tirelli:

¹ **Reposicionando o olhar: pioneiras nas Ciências Sociais da UFSC.** Youtube, 09/06/2023. <https://youtu.be/ZakKFszu-0>, acesso 11/08/2023.

Nós estamos falando no passado, não é? Então, primeiro eu queria agradecer pela homenagem. Acho que foi muito bonito, falamos bastante, não sei se tudo o que nós dissemos era plausível, nós fomos espontâneas. Estou muito satisfeita em rever as minhas colegas, estou satisfeita. E queria dizer que esse tipo de coisa, vou subjetivizar bastante apesar de ser socióloga, esse vídeo tem um sentido. Assim como você falou da emoção, não é Julia? Para nós que somos aposentadas e não mais frequentamos esse espaço. Vocês imaginam o impacto que isso nos causa, não é verdade? Então eu estou dizendo que é a última vez, porém, eu vejo isso como um passado que passou, que a gente visita, mas que nós temos que continuar, certo? Minha vida, digamos assim, andou bastante, acredito que fazemos outras coisas, mas eu vejo esse vídeo como uma coisa bonita para todas nós e é importantíssimo para marcar a história das Ciências Sociais daqui e o que nós fizemos e que vocês estão fazendo. Um mar de histórias e que nos dá um fôlego, uma oportunidade para algo que a gente não sabe o que vai ser. Mas eu estou bastante satisfeita, eu saio feliz, porque hoje eu sou uma aposentada feliz. (Risos) ²

Este Trabalho de Conclusão de Licenciatura foi dividido em três capítulos.

No primeiro procurei explicar a metodologia utilizada na pesquisa, contextualizando ele dentro do trabalho desenvolvido no Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividade - NIGS da UFSC. O núcleo se caracteriza por realizar uma antropologia feminista engajada, que estimula a troca constante e a participação ativa de todo o grupo, desenvolvendo temas dentro das linhas trabalhadas pelo núcleo ao longo da sua história.

No segundo, procurei caracterizar as professoras, utilizando como linha de referência as suas trajetórias acadêmicas, trazendo trechos das entrevistas que elas concederam ao projeto “Outros Olhares sobre a Ciência”, linha de pesquisa conduzida pelo núcleo. Neste capítulo também trago referências das próprias interlocutoras sobre aspectos de gênero, contextualizando aspectos históricos e geracionais com a bibliografia utilizada.

No terceiro e último capítulo fiz referência aos 50 anos do Curso de Ciências Sociais, trazendo aspectos das falas relativas às suas contribuições acadêmicas na universidade.

² Lançamento realizado no auditório do CFH- Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, dia 20/04/2023

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA E OBJETO DA PESQUISA

2.1 NIGS E A PESQUISA SOBRE MULHERES NA CIÊNCIA

O tema das mulheres na História da Antropologia e da Ciência está entre os temas desenvolvidos pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividade - NIGS da UFSC. Ao longo de seus mais de 30 anos de existência, a linha de pesquisa “Outros Olhares Sobre a História da Antropologia” vem propondo essa temática de forma contínua, a partir de diversas abordagens que buscam promover a visibilização das trajetórias e contribuições das mulheres no campo científico. Sobre essa linhagem de pesquisa, a professora Miriam Pillar Grossi aclara em uma das entrevistas concedidas para o Projeto:

Outra linha de pesquisa que percorreu todos esses anos, sobretudo desde os anos 90, foi a linha de pesquisa sobre a história da antropologia e particularmente sobre a história das mulheres na antropologia. A gente começou com uma pesquisa sobre as alunas do Marcel Mauss, depois continuamos trabalhando no Brasil com o projeto “Outros Olhares” sobre a história da Antropologia e as mulheres nesse campo científico. O campo científico da história da antropologia também se desdobrou num campo mais amplo sobre gênero e ciências que se tem trabalhado sobre isso a presença das mulheres em vários campos científicos, que é outra linha de pesquisa que nós estamos desenvolvendo até o presente” (Miriam Grossi em entrevista concedida à Suzana Vergara no contexto do Projeto Mulheres Pioneiras nas Ciências Sociais da UFSC, 2022).

Os grupos feministas surgiram a partir do meio do século passado no Brasil e se desdobraram também em grupos de pesquisa feministas como o NIGS, que tem desenvolvido pesquisas para o reconhecimento da presença das mulheres na sociedade em diversos contextos, e em particular nas ciências, ao longo do século XXI.

Essa temática das mulheres no campo científico é desenvolvida na proposta do Núcleo, dentro da premissa do fazer antropológico, utilizando uma abordagem feminista, como explica professora Alinne Bonetti sobre esse olhar aprofundado sobre o fazer antropológico feminista que “*busca iluminar como a agência humana, as convenções e práticas de gênero, as relações sociais empenhadas em sistemas de distribuição desigual de prestígios e privilégios, se originam, em que formação social estão situadas e quais suas condições de possibilidade*” (BONETTI, 2012, p.56).

A partir da seleção de algumas das entrevistas realizadas pela equipe do Núcleo, dentro da linha de pesquisa “Outros Olhares”, mais especificamente no projeto “Mulheres Pioneiras nas

Ciências Sociais na UFSC", este trabalho se propõe a relacionar as trajetória de algumas das professoras estudadas, suas escolhas e desafios enfrentados em suas carreiras de docência e pesquisa, segundo seus próprios relatos. Estas entrevistas tiveram como objetivo promover a visibilização das suas contribuições ao Curso ao longo de seus 50 anos de existência (1973-2023), verificar as particularidades e similaridades das trajetórias, desde a juventude e infância, os acertos e as dificuldades sentidas pelas professoras do curso.

As entrevistas foram organizadas e conduzidas coletivamente entre 2020 e 2023 com a colaboração de diversas pessoas da equipe NIGS. Realizadas com a presença das coordenadoras da pesquisa, professora Miriam Pillar Grossi e pós-doutoranda Barbara Michelle Amorim, todas as estudantes presentes, alunas da graduação ou da pós-graduação, tinham a oportunidade de fazer perguntas para as interlocutoras, seguindo o método pedagógico e de pesquisa feminista em rede que caracteriza o Núcleo. A participação coletiva nas entrevistas exigia de todas um preparo prévio na elaboração de perguntas, pela consulta ao currículo e leitura de publicações das interlocutoras.

Sobre essa prática pedagógica de estímulo à construção coletiva e à produção de um pensamento crítico e reflexivo, que caracteriza o NIGS, a professora Miriam Grossi em sua entrevista ressalta:

A partir dessa relação com o pós-construtivismo, nós temos claro que o aprendizado se faz através de perguntas, das perguntas que os estudantes e as estudantes se colocam em sala de aula. Nossa prática pedagógica tem buscado ser o mais dialógica possível. Estimulando, justamente, essa interlocução entre os pares, essa aula dialógica, e não uma classe magistral expositiva. (Miriam Grossi em entrevista concedida à Suzana Vergara no contexto do Projeto Mulheres Pioneiras nas Ciências Sociais da UFSC, 2022).

Os trabalhos relacionados às entrevistas transcorreram segundo método pedagógico proposto pelo núcleo, como descreve Alinne Bonetti sobre o “saber-fazer nigiana”:

É nesse espaço-tempo, eminentemente coletivo – é bom que se destaque –, que se dá o aprendizado de um jeito único de ser antropóloga feminista, composto por distintas posições de sujeito: professora, orientadora, pesquisadora, extensionista, ativista, gestora, articuladora de redes, entre tantas outras possibilidades. (BONETTI, p.287, 2022).

A medida que os trabalhos iam sendo realizados, coletivamente organizados, iam proporcionando um olhar cada vez mais ampliado sobre as trajetórias, em relação ao contexto em que ocorriam, relacionado-as às complexidades advindas das mudanças institucionais e políticas, do Curso de Ciências Sociais ao longo da história.

2.2 FAZENDO PARTE DA EQUIPE

Minha entrada no NIGS se deu a partir do convite da Professora Miriam Grossi, com a proposta de participar da pesquisa ligada ao tema "outros olhares sobre a História da Antropologia". A tarefa inicial da equipe ingressante no NIGS foi dar continuidade às entrevistas, iniciadas já em 2020, com as professoras aposentadas e de algumas ainda em exercício do curso de Ciências Sociais da UFSC. Ao todo foram realizadas pela equipe 23 entrevistas.

De início, entrei em contato com as entrevistas que já haviam sido conduzidas a partir do relatório final do projeto PBIC-CNPq 2021-2022 de Atina Natine Schipitoski Esteves com título "A importância das mulheres na consolidação do Curso de Ciências Sociais na UFSC". No relatório constava uma lista de todas as professoras aposentadas do Curso de Ciências Sociais. Na sequência tive acesso aos arquivos do projeto com todas as entrevistas e transcrições executadas até aquele momento. Fiquei com a tarefa de agendar com as professoras datas para realizar as entrevistas que ainda faltavam.

Durante minha passagem pelo projeto em 2022/2023, realizamos as entrevistas presencialmente, com exceção da última, que a pedido da professora entrevistada, foi realizada por meio de um aplicativo de videoconferência. Os equipamentos utilizados foram a câmera filmadora do núcleo e telefones celulares das discentes envolvidas.

As entrevistas eram feitas utilizando-se um roteiro semi-estruturado - com perguntas relacionadas à família, juventude, entrada na universidade, graduação, carreira acadêmica ligada à pesquisa, extensão, gestão e aposentadoria. Dava-se liberdade para as entrevistadas narrarem o que elas consideravam de mais relevante dentro do proposto. As entrevistas foram todas posteriormente transcritas pela equipe, para serem enviadas para aprovação das professoras entrevistadas.

2.2.1 Documentário "Reposicionando o Olhar: Pioneiras nas Ciências Sociais na UFSC"

Desde o início da minha integração no Núcleo havia a proposta de organização de vídeo comemorativo aos 50 anos do curso de Ciências Sociais, com a utilização do material audiovisual que vinha sendo coletado. A ideia era contar, a partir dos relatos das professoras, aspectos da criação do curso, relacionadas às suas contribuições no campo científico e transformações institucionais ao longo do tempo.

Selecionamos trechos das 23 entrevistas realizadas pelo projeto, organizados em sete eixos temáticos: a) criação do curso; b) ditadura militar; c) vocação e carreira; d) ensino; e) pesquisa; f) maternidade, conjugalidades e feminismo; e e) gestão.

A partir desse levantamento, foi sendo desenhado pela equipe o roteiro do vídeo. À medida que o roteiro foi se complexificando e se materializando, percebemos que o formato se aproximava mais ao de um documentário do que de um vídeo comemorativo de curta duração.

Entre os vários desafios no processo de desenvolvimento e lançamento do documentário, destaco a complexidade e o aprendizado que foi a realização do trabalho em grupo, em uma equipe diversa, composta por alunas de graduação e pós-graduação dos dois departamentos responsáveis pelo curso. Trabalhamos para conseguir chegar a consensos e entendimentos sobre a motivação para o trabalho, que já vinha sendo construído pelo núcleo há pelo menos dois anos. Também tinha o peso da responsabilidade que nos foi passada no momento do compartilhamento dos relatos pelas professoras com a equipe. Preocupação para que elas aprovassem e se sentissem contempladas com o resultado final do documentário.

Como trazido no texto de abertura do documentário: *“Este vídeo é feito por muitas mãos, mentes e muitas histórias”*, da fala da aluna-doutoranda Suzana Vergara, responsável pela maior parte da complexa edição das falas para composição do complexo mosaico formadora da linha do tempo para que todas as entrevistadas pudessem ser reconhecidas e incluídas na versão final do documentário.

2.3 AS PROFESSORAS ESCOLHIDAS PARA O TCL

Neste TCL optei por limitar minha análise aos depoimentos de apenas nove das professoras entrevistadas pelo projeto, tendo como critério meu envolvimento mais próximo com o material produzido com elas. Minha participação se deu pelo agendamento do encontro com as professoras; pela presença no dia da entrevista e transcrição destas; pela seleção de trechos das entrevistas para utilização no documentário. Para cada professora selecionada, uma ou mais das ações destacadas possibilitaram minha familiarização com a entrevistada e com as histórias narradas.

Metade das entrevistas escolhidas para este TCL foram realizadas na UFSC, dentro do CFH, ambiente onde as interlocutoras realizam ou realizaram a maior parte das atividades laborais relacionadas à docência na universidade. As demais entrevistas foram realizadas nas casas

das professoras ou virtualmente. Uma das entrevistas virtuais foi realizada ainda em 2020, durante o distanciamento social ocasionado pela COVID-19.

Como parte documental da pesquisa, fiz a leitura, quando disponível, dos memoriais para concurso para ascensão ao cargo de titular, currículo lattes, artigos sobre biografia para o site da SBS (Sociedade Brasileira de Sociologia), entrevistas, notícias da Agência de Comunicação da UFSC, artigos e publicações das professoras, incluindo alguns desses trabalhos na bibliografia deste trabalho.

2.3.1 Quem são elas

A etapa seguinte foi de qualificar as professoras selecionadas, com seus dados pessoais e perfil profissional. Muitas dessas informações se encontram em documentos públicos, mas algumas encontrei somente nos relatos das entrevistas.

No quadro seguinte é possível identificar essas relações relaciono as professoras cujas as entrevistas foram utilizadas, com o ano de entrada da UFSC, aposentadoria, principal área de atuação durante a carreira e dados relacionados à equipe entrevistadora.

Quadro 1 - Entrevistas utilizadas no TCL, por ordem de ingresso na UFSC.

Professora	Ano de Entrada na UFSC	Aposentadoria	Área de atuação	Data da Entrevista	Entrevistadoras	Transcrição da Entrevista	Edição para Documentário
1 Vera Beatriz Teixeira	1974	1993	Sociologia	28/05/2022	Miriam Grossi, Suzana Vergara, Atina Esteves	Atina Esteves	Carmen Heisecke
2 Maria Ignez Silveira Paulilo	1979	2007	Sociologia	23/11/2023	Miriam Grossi, Suzana Vergara, Laura Esteves	Laura Esteves e Carmen Heisecke	Carmen Heisecke
3 Elizabete Farias da Silva	1981	2020	Sociologia, Ciência Política	29/11/2022	Miriam Pillar Grossi, Suzana Vergara, Vitória da Silveira, Carmen Heisecke, Evelin Neves	Evelin Neves	Evelin Neves
4 Tamara Benakouche	1982	2007	Sociologia	05/12/2022	Miriam Grossi, Suzana Vergara, Vitória Silveira, Evelin Neves, Carmen Heisecke	Evelin Neves e Carmen Heisecke	Carmen Heisecke

Professora	Ano de Entrada na UFSC	Aposentadoria	Área de atuação	Data da Entrevista	Entrevistadoras	Transcrição da Entrevista	Edição para Documentário
5 Anita Moser	1986	1995	Sociologia	25/11/2020	Barbara Amorim, Pollianna Alessio	Pollianna Aléssio e Atina Esteves	Carmen Heisecke
6 Luzinete Simões Minella	1988	2002	Sociologia	25/06/2022	Miriam Pillar Grossi, Atina Esteves, Suzana Vergara	Atina Esteves	Carmen Heisecke
7 Lígia Helena Hahn Lückmann	1993	2022	Sociologia, Ciência Política	14/04/2023	Barbara Amorim, Carmen Heisecke	Carmen Heisecke	Carmen Heisecke
8 Janice Tirelli Ponte de Sousa	1998	2013	Sociologia, Ciência Política	28/02/2023	Miriam Grossi, Vitória Silveira, Evelin Neves e Carmen Heisecke	Carmen Heisecke	Carmen Heisecke
9 Miriam Furtado Hartung	2002	em atividade	Antropologia	12/2022	Suzana Vergara, Vitória da Silveira, Carmen Heisecke	Carmen Heisecke	Suzana Vergara

2.3.2 O conteúdo das entrevistas e escolha do anonimato

A partir do próximo capítulo, procurei destacar trechos das entrevistas, relacionando-os com alguns marcadores sociológicos relacionados principalmente à categoria gênero, seguindo o método de trabalho proposto pelo NIGS.

Para preservar a intimidade das interlocutoras e por entender que o anonimato não irá diminuir a dimensão política do conteúdo relatado, nem interferir na compreensão dos contextos de vida e de profissão que influenciaram a vida profissional dessas professoras ou enfraquecer as reflexões propostas por este trabalho, foi escolhido deixar as falas no anonimato, ocultando nomes e referências pessoais utilizando reticências.

Claudia Fonseca (2007) ao se referir ao texto etnográfico, ressalta essa importância política do texto, mesmo no anonimato, no sentido de provocar “uma reconfiguração das próprias narrativas hegemônicas que tanto contribuem para a perpetuação dessas estruturas (de poder vigentes)” e que “a importância da reflexividade torna-se vital justamente nas situações mais próximas de casa”(FONSECA, p.12,2007). No caso das professoras estudadas, apesar do contato ter se limitado a uma ou duas horas de entrevista, a leitura dos demais materiais relacionados a biografia intelectual- currículo, entrevistas, memorial, artigos, permitiram um aprofundamento em suas trajetórias e histórias de vida. Relacionar esses acontecimentos com

as mudanças institucionais do Curso e da Universidade, permitiu novas leituras sobre o próprio desenvolvimento do curso de Ciências Sociais da UFSC.

Selecionei alguns trechos das entrevistas realizadas no contexto do trabalho do NIGS de resgate da biografia das mulheres cientistas. Detalhes da vida pessoal, escolhidos e relatados por elas em suas entrevistas, memórias que podem justificar essas nuances nas suas trajetórias profissionais e que refletem condições de vida na época do sucedido, como acesso ao curso de pós-graduação, negociações no ambiente familiar. Escolhas que elas fizeram no decorrer da vida, partes de suas biografias, que permanecem ocultas em seus currículos acadêmicos, mas que elas atribuíram significância quando trazidas em forma de narrativa em suas entrevistas³. Revelações que se assemelham aos desafios de outras mulheres trabalhadoras e que se dedicam à docência e produção do conhecimento.

Assim, a partir da seleção e análise de trechos das entrevistas procurei preservar o olhar das professoras sobre as questões consideradas relevantes por elas mesmas, para além das suas biografias e currículos acadêmicos. São trechos da vida de mulheres trabalhadoras que elas mesmas escolheram destacar na ocasião da entrevista, muitas vezes sem detalhar nomes. Tentei qualificar e relacioná-los entre si, e evidenciar a contribuição à história das ciências sociais, deste grupo de mulheres, de uma geração específica, que puderam conduzir suas vidas profissionais como professoras universitárias e cientistas sociais.

³ Segundo Pierre Bourdieu (1986) no texto chamado a ilusão biográfica: *“tudo nos leva a supor que as leis da biografia oficial tenderão a se impor muito além das situações oficiais, através dos pressupostos inconscientes da entrevista (como a preocupação com a cronologia e tudo o que é inerente à representação da vida como história), através também da situação de pesquisa, a depender da distância objetiva entre o pesquisador e o pesquisado, e, de acordo com a capacidade do primeiro de “manipular esse relacionamento, a pesquisa sociológica pode variar da suave forma de entrevista oficial, que é mais frequentemente, à confissão, através da representação mais ou menos consciente que o entrevistado fará da situação de pesquisa, em função de sua experiência direta ou mediata de situações equivalentes (entrevista de escritor famoso ou de político, situação de exame, etc.) e que orientará todo seu esforço de apresentação de si, ou melhor, de sua produção de si”*.

CAPÍTULO 3

HISTÓRIA DE VIDA/ TRAJETÓRIA PESSOAL

Na observação de trajetórias destas mulheres no campo das Ciências Sociais, destacamos alguns marcadores sociológicos significativos. O marcador econômico-social tem peso dominante na análise das trajetórias que ingressaram na fase inicial do curso. Ingressar na carreira nos anos 1970 significava fazer parte de um seleto grupo de intelectuais, oriundos da elite, barreira tanto para homens quanto para mulheres (SPIRADELLI, 2008, OLIVEIRA, 2018). Os temas desenvolvidos eram escolhidos dentro da área de alcance desse pequeno grupo que tinha acesso facilitado a uma educação superior e que poderia seguir carreira acadêmica. Sobre a existência de um padrão dominante, Claudinei Spiradelli (2008) ressalta que *“articulações entre momentos históricos e suas formas e regras de sociabilidade poderiam ser responsáveis por grande parte do conjunto de idéias e de interpretações dos intelectuais, de ambos os sexos”*. Temas que fugiam ao cânone, recebiam pouco ou nenhum destaque.

À medida que os cursos puderam se desenvolver, entre eles o da UFSC, o marcador econômico intercruza com outros aspectos na análise das trajetórias das entrevistadas. Candice Vidal e Souza (2006) ao referir-se a carreira das professoras da Universidade Federal de Minas Gerais aponta para a existência de *“elementos como a localização geográfica-institucional, geração, conjugalidade e configurações interdisciplinares”* (SOUZA, p.500,2006). No caso da UFSC, foi possível observar que o desenvolvimento dos programas de pós-graduação foram importantes para criação de oportunidades de trilhas formativas e desenvolvimento de carreiras dentro da instituição.

A categoria gênero, na análise dos percursos dessas mulheres, é uma importante ferramenta para compreender certos modelos seguidos pelo grupo, que de alguma maneira as identificam ou as transpassam, permitindo olhar de forma mais sistematizada sobre as trajetórias dessas professoras. Marisa Corrêa (2003) ressalta que a categoria gênero não pressupõe a existência de uma identidade feminina, ela é utilizada na *“luta em torno de afinidades”*, desvinculando a ideia da mulher de qualquer conotação biológica e determinista.

Quando fala-se no cânone, ela foi historicamente formada por grupos que puderam se sobrepor a outros por meio de estruturas sociais hierarquizantes. E quando se fala em campo científico *“as ciências se constituem como um campo de disputas mais amplas que envolvem*

também as clivagens de gênero, classe e etnia, embora essas nem sempre sejam enfatizadas” (MINELLA, p.99, 2012).

Assim, a partir da categoria gênero, busquei observar a agência dessas mulheres dentro de seus campos políticos, relacionando marcadores com as dinâmicas oriundas dos papéis e esquemas que elas assumiram ou que de alguma forma lhes foram impostas, ao longo das suas carreiras profissionais de docência e de pesquisa.

3.1 QUADRO COMPARATIVO DAS PROFESSORAS

Das professoras escolhidas para este trabalho, sete são sociólogas, uma antropóloga e uma, que apesar de reconhecida pela atuação na Ciência Política, se reconheceu na entrevista como socióloga política. Todas trabalham em campos específicos, diferentes entre si, dentro de suas áreas de atuação. Elas ingressaram na UFSC entre 1974-2002⁴, cinco entre 1974-1982 e quatro entre 1988-2002 são representantes das primeiras gerações de alunas e professoras do curso de Ciências Sociais.

Para melhor identificá-las, dividi-las em três grupos geracionais: Pioneiras, Acadêmicas Prodigiosas e Nova Geração. O grupo das "Pioneiras" estava presente desde o primeiro ano do Curso - como professora e alunas. As “Prodigiosas” fizeram seus mestrados e partiram para fazer carreiras em outras regiões do Brasil, ingressando na UFSC com a carreira já em andamento. Já as representantes da “Nova Geração” se graduaram e realizaram o mestrado no Programa de pós-graduação da UFSC.

No quadro comparativo abaixo procurei relacionar as suas trajetórias de formação acadêmica tendo como referência o ano de nascimento e a idade nas diferentes etapas acadêmicas.

Quadro 2 - Trajetórias de formação acadêmica por ordem de ano de nascimento

Professoras	Ano de nascimento	Ano e idade de Entrada na UFSC	Graduação	Mestrado	Doutorado	Pós-doutorado	Orientação
1 Anita Moser ⁵	1936	1986	1973-1975 Ciências Sociais (UFSC)	1984 (PUCRS)	-	-	Mestrado (M)- Antonio David Cattani

⁴O Curso de Ciências Sociais foi oficializado a partir da publicação da portaria nº 75 de 1973.

⁵Anita Moser foi aluna da primeira turma de graduação em ciências sociais. Como docente, relata na entrevista que ingressou na UFSC por volta de 1983, no retorno de Porto Alegre, onde foi para fazer o mestrado. Em 1986, presta concurso público ingressando novamente na Universidade, mas agora com vínculo de estabilidade.

Professoras	Ano de nascimento	Ano e idade de Entrada na UFSC	Graduação	Mestrado	Doutorado	Pós-doutorado	Orientação
		50 anos	39 anos	48 anos			
2 Vera Beatriz Teixeira	1941	1974	1973 História (UFSC)	-	-	-	-
		33 anos	32 anos				
3 Tamara Benakouche	1948	1982	1967-1970 Ciências Sociais (UFPE)	1975-1977 França (Paris I)	1985-1989 França (Paris XII)	1997-1998 EUA (Berkeley)	M - Michel Rochefort Doutorado (D)- Gabriel Dupuy
		34 anos	22 anos	29 anos	41 anos	51 anos	
4 Maria Ignez Silveira Paulilo ⁶	1950	1979	1970-1973 Ciências Sociais (UNESP)	1974-1976 (USP)	1981-1987 (UFRJ)	1997 Inglaterra (London S.)	M- José Albertin R Rodrigues D- Otávio Velho
		29 anos	23 anos	26 anos	37 anos	47 anos	
5 Luzinete Simões Minella ⁷	1950	1988	1969-1972 Ciências Sociais (UFBA)	1974-1977 (UFBA)	1983-1989 México (UNAM)	1998-1999 (UNICAMP)	M- Antônio Luís Machado Neto D- Jussara Teixeira
		38 anos	22 anos	27 anos	39 anos	49 anos	
6 Janice Tirelli Ponte de Sousa ⁸	1952	1998	1972-1976 Ciências Sociais (USP)	1983-1986 (PUCSP)	1992-1997 (USP)	2010 (Complutens e de Madrid) Espanha	M-Maria do Carmo Guedes D-Iray Caron
		46 anos	24 anos	34 anos	45 anos	58 anos	
7 Elizabete Farias da Silva ⁹	1954	1981	1972-1975 Ciências Sociais (UFSC)	1982-1985 (UFSC)	1996-2000 (USP)	2004 - 2005 (UQAM) Canadá 2016 - 2016 (UNC) Colômbia 2016 - 2017	M-Eduardo Viola D-Moacir Gadotti

⁶ Maria Ignez Paulilo chega na UFSC em 1979 cedida pela Universidade de Campina Grande, onde atuava desde 1977. Em 1980 ingressa em definitivo no Curso por meio de concurso público.

⁷ Luzinete Simões Minella iniciou sua trajetória como docente na UFBA em 1975, aos 25 anos. Em 1988 é cedida para a UFSC, oficializando a transferência em definitivo em 1991.

⁸ Janice Tirelli Pontes iniciou sua carreira de docência em 1982, aos 30 anos de idade na UEM, na cidade de Maringá. Em 1998, entra por concurso público como docente da UFSC.

⁹ A professora Elizabeth Farias da Silva ingressou no Curso como aluna da primeira turma de graduação em 1973.

Professoras	Ano de nascimento	Ano e idade de Entrada na UFSC	Graduação	Mestrado	Doutorado	Pós-doutorado	Orientação
						(UAEM) México	
		27 anos	21 anos	31 anos	46 anos	51 anos	
8 Lígia Helena Hahn Lüchmann	1960	1993	1982-1985 Serviço Social (UFSC)	1988-1991 (UFSC)	1997- 2002 (Unicamp)	2011 (UBC) Canadá	M-Paulo Krischke D- Rachel Meneguello
		33 anos	25 anos	31 anos	42 anos	51 anos	
9 Miriam Furtado Hartung ¹⁰	1960	2002	1982-1987 História (UFSC)	1988-1992 (UFSC)	1995-2000 (UFRJ)	2011-2012 (LAS) França	M-Ilka Boaventura D-Eduardo Viveiros de Castro
		42 anos	27 anos	32 anos	40 anos	52 anos	

Elas nasceram entre as décadas de 1930 e 1960 e todas tinham mais de 60 anos no momento da entrevista. Uma das professoras entrevistadas nasceu na década de 1930 e duas professoras na década de 1940, sendo que as demais nasceram entre 1950 e 1961. Elas viveram, portanto, sua infância e juventude, durante o período da ditadura militar, um importante elemento nos depoimentos escutados.

É possível observar diferenças, em relação às demais, das carreiras das professoras nascidas em 1936 e 1941 - Anita Moser e Vera Beatriz Teixeira. Ambas terminaram a graduação após os 30 anos de idade e se aposentaram na década de 1990. São as únicas que não possuem o currículo cadastrado na plataforma do sistema de *currículos lattes* do CNPq. A professora Vera se graduou em História, tendo concluído antes do início da primeira turma de Ciências Sociais. Já como docente do curso, ela cursou uma especialização em sociologia na própria UFSC, ainda antes do início do programa de mestrado. Além de dar aulas para graduação, a professora Vera foi coordenadora do Curso de Ciências Sociais durante 16 anos.

A professora Anita concluiu seu mestrado com 48 anos de idade na PUCRS, ingressando por concurso na UFSC após concluí-lo. Apesar de não ter avançado para o doutorado, a pesquisa de mestrado da Professora Anita Moser¹¹ recebeu destaque por ter sido um trabalho pioneiro

¹⁰ Miriam Hartung iniciou a carreira de docência na UFPR, na cidade de Curitiba, em 1996, aos 36 anos de idade, ingressando posteriormente na UFSC.

¹¹ Referência: MOSER, Anita. **A nova submissão: mulheres da zona rural no processo de trabalho industrial**. Porto Alegre: EDIPAZ, 1985.

na área de sociologia do trabalho, sobre a exploração de mulheres e êxodo rural no contexto da indústria têxtil da região de Blumenau em SC (BUTZKE, NEGHERBON, 2019).

Três das selecionadas, nascidas no início dos anos 1950, iniciaram com menos de 30 anos de idade a carreira de docência - Maria Ignez Paulilo, Luzinete Simões Minella e Elizabeth Farias da Silva. A professora Elizabeth já estava ligada à UFSC desde a graduação. Se formou na primeira turma de Ciências Sociais, fez mestrado orientada pelo professor "da casa" Eduardo Viola, no campo da Ciência Política. Apesar de ingressar na carreira aos 27 anos enquanto fazia o mestrado, foi concluir o doutorado aos 46 anos.

Antes de ser transferida para a UFSC, a professora Luzinete já havia ingressado na carreira há mais de uma década na UFBA, cujo curso de Ciências Sociais data de 1941. Ainda na Bahia, durante o mestrado, Luzinete foi aluna em 1974 de Zahidé Machado Neto¹², pioneira no Brasil na temática das mulheres, na disciplina “Sociologia da Família e das Relações entre os Sexos”¹³, em meio a ditadura militar e ao surgimento da “segunda onda”¹⁴ do feminismo no Brasil.

A professora Luzinete Simões Minella é a única cientista não-branca das professoras entrevistadas. Este é um dado significativo, apesar de terem sido só algumas das entrevistadas analisadas neste TCL. Além da questão financeira que afunila o acesso à carreira acadêmica, existiu nesse período inicial pouquíssima diversidade etnico-racial, sendo maioria auto-identificadas como brancas. Isso, quando levado a um escopo maior ainda dentro do campo científico, como em artigo desenvolvido pela própria professora Luzinete (2012),

¹² “Líder de pesquisas coletivas de campo no interior baiano nos anos 60 e 70 - algo raro na época - e autora de textos precursores da antropologia feminista e dos estudos de gênero - campos de investigação que só viriam a se consolidar nos anos 80 - , Zahidé Machado Neto morreu precocemente, em um acidente de carro, aos 51 anos, em março de 1983, meses antes da fundação do NEIM (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher) da FFCH - de cujo projeto foi uma das idealizadoras” (https://www.ufba.br/ufba_em_pauta/obra-de-zahid%C3%A9-machado-neto-pioneira-dos-estudos-feministas-%C3%A9-tema-de-pesquisa-na-ffch, acesso 10/08/2023)

¹³ <https://sbsociologia.com.br/project/zahide-maria-torres-machado-neto/>

¹⁴ As três ondas do feminismo são comumente divididas por período histórico e as características de suas reivindicações. A primeira onda, como o movimento sufragista no final do século XIX, buscava igualdade de direitos civis políticos, como o direito ao voto. A segunda onda foi principalmente entre as décadas 60-80 do século passado, fazia críticas ao patriarcado, direitos ao corpo, ao prazer, entre outras questões. A terceira onda acontece impulsionado pelo movimento feminista negro, a partir da década de 90, questionava os diferentes tipos mulheres, as diferenças de classe e sexualidade.

evidencia-se mais ainda essas sobreposições também em relação à raça e etnia, tratando-se da inserção das mulheres não-brancas na ciência¹⁵.

Tanto a professora Luzinete quanto a professora Maria Ignez Paulilo se graduaram em Ciências Sociais e logo após a formação básica fizeram mestrado. A graduação e o mestrado da professora Maria Ignez foram realizados em São Paulo, estado com os cursos de Ciências Sociais mais antigos do país. O tema do mestrado da professora Maria Ignez, concluído em 1976, foi na temática das mulheres rurais, tema que irá acompanhá-la durante toda a carreira. A professora Maria Ignez ingressou na UFSC após já ter tido experiência na Universidade Federal de Campina Grande, onde trabalhou na implantação do mestrado em sociologia rural, conforme contou na entrevista (PAULILO,2022).

Por outro lado, ao observar a trajetória acadêmica das duas professoras nascidas em 1960, Miriam Hartung e Ligia Luchmann, pode-se dizer que elas representam uma continuidade, uma segunda geração de professoras da UFSC, ambas formadas já pelos programas de pós-graduação da UFSC. A professora Miriam Hartung, que fez sua graduação em História na UFSC foi orientada pela professora Ilka Boaventura no Trabalho de Conclusão de Curso e também no mestrado em antropologia da UFSC e fez parte do Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas - NUER. Já Ligia Luchmann, com graduação em Serviço Social na UFSC, foi orientada no mestrado em Sociologia Política da UFSC pelo professor Paulo Krischke, que junto com a professora Ilse Warren Scherer desenvolveram trabalhos no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais - NPMS, núcleo ao qual a professora Lúgia se vinculou durante toda a carreira, tendo também sido sua coordenadora¹⁶.

3.1.1 Origem, infância e ensino fundamental

Sobre a origem, infância e experiência escolar, elas contaram principalmente sobre a família, mãe e pai e irmãos, as profissões dos genitores e cidade de origem. Apesar das entrevistas terem tido foco maior na trajetória dentro da universidade, foi possível perceber que algumas questões relacionadas à família e escola se relacionam com marcos temáticos em suas vidas acadêmicas.

¹⁵Na conclusão do artigo, a professora ressalta: “*considero que a baixa presença de mulheres não brancas, no contexto contemporâneo, evidencia claramente que o seu acesso às carreiras científicas tem sido mais difícil, principalmente em algumas áreas de maior prestígio, requerendo, por isso mesmo, em tempos atuais a implementação de políticas de ação afirmativa*” (MINELLA, p.127,2012).

¹⁶ O NPMS foi coordenado desde a fundação, em 1983, até 2015 por Ilse Warren Scherer e na continuação, de 2016 a 2021, por Ligia Luchmann. Atualmente a coordenação segue a cargo do professor Ernesto Seidl.

Em sua entrevista, uma professora faz referência às pequenas propriedades rurais de subsistência, realidade que vivenciou dentro de seu próprio núcleo familiar e que teve influência na escolha temática de suas pesquisas:

(...) naquele tempo até um café as pessoas não compravam, as pessoas tinham plantações de café e não compravam café só comprava o sal e o trigo o resto tudo tinha em casa na pequena propriedade agrícola e o pai da minha mãe eram também um camponês muito forte que tinha além de arrozeiras ele tinha... ele fazia vinho tinha Alambique para fazer cachaça, vinho, tinha 6 parreiras de uva e tinha roça eram um pequeno camponês muito bem colocado né. (...) Auto-suficientes! Só trigo e sal, tinha ovos, tinha galinhas, tinha porcos, tinha cavalos”.

Outro fator recorrente, foi a valorização na família das trajetórias escolares. Apesar de apenas uma mencionar a formação universitária da mãe, metade das professoras contaram terem sido estimuladas a estudarem por suas mães e pais. Uma das professoras relata como o estímulo e valorização pela família ao estudo esteve presente em sua experiência familiar, proporcionando o acesso precoce a conteúdos acadêmicos e literários:

Ele era espírita, o meu pai. Ele não só era intelectual, foi um grande livreiro (...). Então, por exemplo, obras de Marx eu já tinha contato porque ele vendia, e ele recebia alguns intelectuais na livraria dele. Então, por exemplo, hoje você tem na biblioteca do meu pai livros de Marx antiquíssimos, eu tenho uma edição da Ética Protestante antiquíssima, que eu peguei da livraria dele, da biblioteca dele, ou eu comprei mas por sugestão dele. Então eu tenho muitas edições antigas, boas, de Marx e Weber por causa da orientação do meu pai. Mas, a orientação dele, em termos intelectuais, para mim era na parte de literatura, tanto que eu gabei em literatura no meu vestibular, porque caiu Dalton Trevisan e ele praticamente me fez ler todos os livros do Dalton Trevisan, eu conhecia absolutamente toda a obra que ele tinha publicado até aquela época.

Tendo frequentado escola de ensino público, uma das interlocutoras conta que, apesar da família não ter sido de “posses”, durante o período de sua formação escolar, teve a oportunidade de cursar uma escola de qualidade:

(...) nasci em uma cidade (...) e na minha época minha família não era uma família de posses e eu fiquei estudando na própria cidade e nós tínhamos, eu tinha terminado o ginásio que naquela época era um ginásio quase misturado com colegial porque quando eu digo para eles (se referindo a filha) que eu fazia francês, inglês e latim, eu fazia tudo isso com professores que vieram dos países de origem, meu professor de inglês era da Inglaterra, meu professor de Francês era da França, então eu tive uma base de ensino muito boa e sempre em escola pública.

Outra professora relata que as poucas condições econômicas da sua família, geraram a necessidade de iniciar, já aos 14 anos, a trabalhar como professora de reforço escolar. No

trecho escolhido, ela conta do impacto dessas vivências no seu desenvolvimento e seu sentimento de prestígio:

(...) devida a minha condição socioeconômica desde os 14 anos eu trabalhava, trabalhava para em manter estudando, não que eu trabalhava porque precisava de um trocado para ir ao cinema, eu trabalhava para comprar livro, para pagar meu lanche, meu ônibus, trabalhava para não incomodar meu pai que estava cardíaco e sobrecarregado e eu dizia “Ó pai me defendi e consegui um dinheirinho, estou me virando”. Então essa coisa de inserção precoce no mercado, dando aula. Eu dava aula, reforço de História, Geografia e Português para alunos do curso fundamental, eu já era secundarista (...) e eu achava fascinante, primeiro que todo mundo me recebia muito bem e segundo era uma atenção “Olha hoje você já tá tão cansada, teve aula de manhã e tá aqui dando aula para uma pessoa que tá ruim ruim na disciplina, você quer tomar um suco?” Eu achava um máximo sabe “Você não quer um bolo antes de sair? Até chegar em casa daqui mais de uma hora, vai pegar o ônibus, tráfego” e eu aceitava, achava o máximo de atenção e de cuidado e comecei realmente me desenvolver aí.

Uma das professoras relatou que perdeu cedo a mãe, o pai ficou viúvo mas o seu novo casamento não causou problemas para a família: “*Eu tinha tudo para dar errado porque eu perdi minha mãe com sete anos e no final tudo se organizou e tive uma madrastra ótima*”, fazendo referência a família composta de pai e mãe como elemento estruturante.

Ainda sobre acesso a uma educação privada e estrutura familiar, elementos de certos privilégios de classe como o aprendizado de línguas, aparecem neste outro relato:

A gente foi acostumado a estudar, então eu comecei a estudar francês menina, na Aliança Francesa; todo mundo estudava inglês, eu e os meus irmãos; estudava ballet; tinha sempre muita atividade e o último lugar em que eu via minha mãe era na cozinha, fazendo qualquer coisa, porque ela não sabia mesmo; só no Natal que ela ia e enfeitava os pratos, pronto. Se a empregada faltasse, houvesse um problema, comprava-se uma marmita de uma portuguesa que vendia marmita.

As professoras se escolarizaram num período de altas taxas de analfabetismo, o fato de terem tido oportunidade de estudar, é indício de virem de famílias com certo poder econômico. Segundo trabalho de Maria Lucia Spedo Hilsdorf (2003), sobre a “História do Ensino Escolar no Brasil”, até a primeira metade do século passado, 50% da população brasileira era analfabeta¹⁷, não haviam vagas para todos nas escolas públicas, sendo necessário a realização

¹⁷Em 1940 a taxa de alfabetização era 43,2, em 2000 a taxa subiu para 87,9. Fonte: IBGE 1940/2000(<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13300-asi-estudo-revela-60-anos-de-transformacoes-sociais-no-pais> , acesso 21/06/2023).

de testes de ingresso na educação primária, o que promoviam o afunilamento do acesso escolar público. É nesse período de debates importantes¹⁸ sobre a educação escolar, desenvolvimento do país e demanda por vagas por parte dos movimentos sociais (HILSDORF, 2003), que essas professoras iniciaram suas trajetórias escolares, acadêmicas e ingressaram no mercado de trabalho.

3.1.2 Ensino médio, juventude e profissionalização

Sobre o período que antecedeu a entrada na universidade, algumas das professoras relatam experiência de terem vivido a juventude e início da graduação em meio a repressão política do período militar, outras relatam ter iniciado a trajetória profissional, como professoras de ensino básico.

Acadêmica que veio a desenvolver pesquisas na área de juventude e militância política, conta em sua entrevista seu envolvimento com os movimentos políticos da época da juventude ainda na escola secundária e os conflitos que viveu na família. Aspectos da biografia que relacionou com suas escolhas acadêmicas:

O meu pai sempre deu muito duro para eu estudar e eu acabei indo para colégios bons por conta de bolsas de estudo. Então, por exemplo, eu sou, não muito com orgulho, eu diria, eu sou uma mackenzista¹⁹. Uma ex-mackenzista, que era um lugar ligado ao pensamento de direita lá em São Paulo. E eu pertencia ao grupo de jovens que era exatamente o contrário daquele ambiente, então eu me encontrei lá como oposição. Foi muito bom, eu aprendi muito, eu estava sempre no meio da encrenca que era oposta, vamos dizer assim, a concordância com a situação. Os meus pais: minha mãe não trabalhava, trabalhava em casa; meu pai, foi um homem extremamente delicado, mas extremamente autoritário, não foi fácil conviver. Então, eu tinha que dar certo. (...) Eu comecei a estudar juventude praticamente por isso porque eu admirava a juventude dos anos 60. De uma maneira crítica, é claro, mas assim eu pertencia um pouco a ela né não totalmente como geração anterior, mas eu vivi, vamos dizer assim, um bom pedaço do movimento estudantil que já era de ascensão da UNE .

¹⁸ “Esse movimento foi liderado pelos educadores da “geração dos pioneiros” e outros intelectuais, professores, estudantes e lideranças sindicais da época, tendo como centro irradiador a USP congregando-se, dentre eles: Florestan Fernandes, J. E. R. Villalobos, Roque S. M. de Barros, Fernando Henrique Cardoso, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira, M. Brejon, Laerte R. de Carvalho e outros” (HILSDORF, 2003, p.109).

¹⁹ Segundo a própria instituição de ensino: “O Instituto Presbiteriano Mackenzie iniciou suas atividades em 1870, quando o casal de missionários presbiterianos George e Mary Ann Annesley Chamberlain chega à cidade de São Paulo. A senhora Chamberlain recebeu meninos e meninas para a escola que se iniciava, fazendo valer o princípio que permanece até os dias de hoje: não fazer distinção de sexo, credo ou etnia. No ano seguinte, foi constituída a Escola Americana, embrião do Colégio, que abrigava filhos de escravos e de famílias tradicionais” (<https://www.mackenzie.br/instituto/historia-do-instituto>, acesso 05/08/2023).

Outra professora conta dificuldade em dar seguimento aos estudos após término do ginásio em escola de cidade pequena do interior, longe da capital do estado e a necessidade de investimento privado. Mencionando também a influência do pensamento estrangeiro, de elite, na educação a qual teve acesso:

(...) lá na quarta série do ginásio terminava a nossa a visão do futuro em termos de estudo né, ou você saía ou você não estudava mais. (...) continuei no colégio, (...) eu fui para o Rio de Janeiro para fazer um curso de educadora da infância, que era o primeiro curso que existia a nível da formação de educadoras né, só existia dois. Existia o Colégio Jacobina que era católico e o Colégio Bennett que era protestante. Então são os dois ótimos colégios que preparavam as educadoras de infância.... naquele tempo a Dona Laura Jacobina Lacombe que era fundadora do colégio que era um colégio para a alta burguesia, porque era um colégio caro. Essa dona Laura Jacobina Lacombe ia todo ano pra Europa... porque as ideias novas estavam em ebulição e ela trazia o que havia de melhor da Europa para o Rio de Janeiro. (...)

Algumas das professoras entrevistadas, informaram ter entrado para carreira de docência via Escola Normal que era voltada para “*habilitar as pessoas que se destinarem ao magistério da instrução primária*”, sendo a primeira fundada em 1835 no Rio de Janeiro (TANURI, 2000)²⁰. A melhor remuneração é apontada nas entrevistas, já na década de 70, como motivo para migração da carreira ligada ao ensino escolar para a carreira universitária: “*eu ganhava, como professora, duzentos e cinco; cruzeiros, cruzados, qualquer coisa; e a bolsa era setecentos. Não dava para pensar duas vezes, não é? Então eu, com muito pesar no coração, abandonei minhas crianças e fui estudar, em tempo integral*”.

Neste trecho a professora conta que conflitos com pai, fez com que ela buscasse independência financeira aos 17 anos. Com ajuda de parentes, conseguiu trabalho em banco:

Então eu tinha mesmo que trabalhar. Foi assim de 17 para 18. Eu tinha um tio muito rico. Aí fui falar com minha tia. Ele era do First Nacional Citibank, chamavam ele de pente fino, ele era um grã-fino cheiroso, a gente dizia na minha família. Ele me arranhou um emprego, o desgraçado me arranhou um emprego em conta corrente no Citibank. Eu sofri o cão naquele trabalho. Porque era fone no ouvido aquela lista, como é que chama aquela lista que sai do computador toda manhã para você ver o saldo? Então, os caras lá embaixo ligavam para você correndo para saber se o cliente tinha saldo para liberarem o dinheiro lá embaixo. Era o dia inteiro aquilo, mas eu aguentei firme, eu precisava de dinheiro.

Sobre entrada no mercado de trabalho, outra professora relata:

²⁰ Em relação a presença das mulheres nas escolas normais, no artigo a autora diz que no início, as escolas normais eram exclusivamente para homens, que aos poucos a carreira do magistério foi sendo associado a uma continuação da educação feito em casa, associando ao trabalho doméstico, abrindo o campo para as mulheres, o que resolveria as dificuldades relacionado ao preenchimento de vagas devido aos baixos salários.

(...) eu tinha um parente que era político, e ele... Aí eu comecei a querer trabalhar no planejamento, digo "Está na hora de eu ter uma experiência de trabalho". E ele conseguiu para mim, esse meu primo, uma entrevista no (...). E aí eu fui a essa entrevista, fiz a entrevista; inclusive quem coordenava, na época, era Everardo Maciel, que no governo de Fernando Henrique foi presidente da Receita, foi o manda-chuva da Receita. Então foi ele quem me ensinou a fazer tabela, tanta estatística e eu não sabia fazer tabela direito, eu fechava dos lados e não era para fechar... Então eu fui aceita, eu lembro que caiu para eu falar sobre populismo e eu sabia Weffort, aí falei tudo que eu sabia. Eu fui aceita e fui trabalhar no planejamento, foi muito bom.

Observa-se nos relatos, que mesmo antes de entrarem para a carreira acadêmica, apesar de serem mulheres oriundas principalmente de uma elite financeira-intelectual, existiu uma busca por inserção no mercado de trabalho por parte das entrevistadas. Também é possível observar nas falas que elas e suas famílias faziam parte de grupos com privilégios, a qual podiam recorrer, como na ajuda na busca pelo primeiro emprego.

3.1.3 Graduação

Estas professoras fizeram a graduação nas décadas de 70 e 80. Período que vai desde o momento mais repressivo da ditadura militar até o início da redemocratização.

Das nove professoras estudadas, seis professoras completaram sua graduação em Ciências Sociais, duas fizeram o curso de graduação em História e uma em Serviço Social. Todas em universidades públicas brasileiras, sendo que cinco concluíram seus estudos universitários na UFSC.

Sobre a escolha do Curso de Ciências Sociais durante anos de repressão política, uma professora vê como uma opção por um caminho acadêmico menos conservador:

Eu tinha alguns conhecimentos de Sociologia, de História, mas eu ainda não tinha a venda caída no sentido da complexidade do mundo (...) eu tinha grande influência de literatura e de análise crítica nesses termos sobre o mundo, mas na questão da política "nua e crua" a minha venda caiu na universidade(...). Então, o golpe no Chile, foi em 1973 se não me engano, meio que implementou a minha opção já feita para Ciências Sociais. E eu não me arrependi, porque se eu tivesse optado por Direito, que era algo que eu podia ter feito tranquilamente com a minha média, o Direito na época era absolutamente conservador e eu seria hoje uma pessoa absolutamente conservadora, provavelmente uma promotora ou uma juíza horrorosa (risos).

Outra professora, escolheu o Curso de Ciências Sociais como alternativa ao curso de História:

Passei em Ciências Sociais. Eu até hoje não sei se era o que eu queria mais. Porque eu queria ser médica, mas eu acho que não tinha capacidade de estudar biologia e física, eu detestava, não entendia. Eu falei então meu destino era realmente ir para a História. Eu acho que me dei bem, porque eu

consegui assim, pelo menos, me articular mais e evitar um pouco de subjetivação das coisas. Porque quando você começa a trabalhar com as Ciências Sociais você vê que a realidade é uma coisa muito objetiva, que você precisa estar fora de você para poder entender o mundo.

Sobre os "anos de chumbo", foi entre os anos de 1968 a 1975, durante a ditadura militar que houve mais repressão política e perseguição, onde estudantes eram focos de retaliações e os ambientes universitários sofriam com a presença de agentes infiltrados que criava clima de tensão (D'ARAÚJO; SOARES; CASTRO, 1994).

Sobre este período na UFSC, uma professora comenta em sua entrevista: *"a gente sabia que em cada turma tinha o olho grande em cima da gente, cada turma tem um dedo duro então não não foi fácil, eu acho que hoje vocês fazendo a universidade (hoje) é outro nível eu recuperei na pós-graduação"*.

Outra professora diz sobre o período repressivo:

(...)eu fiz Ciências Sociais na Federal em um período muito difícil, (...), então eu peguei os anos de chumbo. Era muito complicado, era um curso noturno; foi um curso fraco porque os professores tinham medo de falar por causa de ter "dedo-duro", podia ser preso... Porque em 68, eu não sei o quanto vocês sabem da história do Brasil nesse período, em 68 teve o AI-5 e endureceu muito a situação política. Então a gente tinha medo de falar, os professores tinham medo de falar, e foi um curso meio mais ou menos. Eu me lembro pouco, era noturno...

No período já posterior aos anos de chumbo, outra professora comenta:

(...) o curso estava passando já, digamos assim, (...) um processo que ele chama de reconceituação. Então com a incorporação bastante importante do paradigma marxista na leitura e na análise das dinâmicas sociais. A gente acabou incorporando de forma bastante importante, até como um processo mesmo de contraposição à uma trajetória anterior muito contada para uma leitura assistencialista, religiosa. Eu tive a oportunidade de frequentar um curso bastante crítico naquele contexto e, de fato, não percebo uma grande.. tem diferenças, claro, cada momento histórico tem suas peculiaridades, mas eu não diria assim que, pensando na questão da ditadura, o período repressivo já estava no momento menos rigoroso e mais passível de exercício das liberdades de pensamento, posição.

A partir de 1974, com a posse do general Ernesto Geisel na presidência, iniciou-se um processo gradual de redemocratização política do país, repercutindo nas universidades num processo de abertura gradual no campo intelectual. Processo lembrado por uma das entrevistadas ao se referir a UFSC:

(...) o curso foi tomando um rumo melhor, com cadeiras melhores, o pessoal começou sair para fazer seus mestrados, doutorados e voltaram com novas cadeiras, novos ensinamentos e o curso foi se ampliando e com uma

qualidade bem melhor, totalmente melhor, porque nós tivemos um grande avanço nessa parte dos mestrados e levou vários professores a concluírem seus trabalhos e voltar lutando. E o curso foi nessa, vou dizer, até 84/85 por aí, houve muitas modificações do currículo, porque estava sendo acrescentada coisas novas que os professores traziam, então o currículo se ampliou tanto a nível de matérias obrigatórias como optativas, a oferta ficou muito melhor e quantidade de professores também aumentou consideravelmente e deu a chance para o departamento de abrir e continuar fazendo o papel de um curso de Ciências Sociais.

Assim, em março de 1976 foi implantado o Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais na UFSC, em nível de especialização, já com duas áreas: sociologia e antropologia, sendo que as primeiras disciplinas foram oferecidas no Museu de Antropologia. Nessa fase, as docentes que integravam o corpo docente eram Anamaria Beck²¹, Zuleika Mussi Lenzi²², Neusa Bloemer²³, Maria José Reis²⁴ e os temas desenvolvidos: Sociologia da Sociedade Rural, Sociologia da Modernização, Antropologia da Educação, Antropologia das Sociedades Tribais e Antropologia Aplicada (ABELINO, 2010, 269-270). A especialização reunirá o grupo de trabalho que formará a base do curso de Mestrado, oficializado dois anos depois.

3.1.4 Pós-graduação: mestrado e doutorado

Em 1978 oficializou-se a criação do Mestrado em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina, que depois viria a se dividir em dois cursos: de Sociologia Política e Antropologia Social. Na época não era exigida a titulação de doutorado para ingressar na carreira acadêmica. Algumas das professoras entrevistadas pelo Projeto que ingressaram na

²¹ Anamaria Beck teve formação acadêmica inicial na Faculdade Catarinense de Filosofia, trabalhou diretamente com Oswaldo Rodrigues Cabral e se tornou professora da UFSC, realizou a formação doutoral na Universidade de São Paulo, nas áreas de Antropologia Social e de Arqueologia respectivamente (OLIVEIRA, p.9, 2022).

²² “A professora Zuleika, assim comumente chamada, foi eleita vereadora em 1992 pelo PMDB para a 12º legislatura (1993-1996), aos 54 anos. Licenciou-se em filosofia, é mestra em sociologia rural (pela UFRGS em 1975) e professora adjunta IV aposentada da UFSC onde atuou junto ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFH.(...) Zuleika exerceu os cargos de Diretora do Departamento de Assuntos Culturais da UFSC (1982-1985) e Secretária Estadual de Cultura e Esporte do Estado de Santa Catarina (1987-1991). Em parceria com outra feminista, Mirtes Valles Piovezan, fundou em 1997 o ICESPE - Instituto Catarinense de Estudos Sociais, Políticos e Econômicos” (LOLATTO, 2016, p.43).

²³ Neusa Maria Sens Bloemer possui graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (1970), especialização em Especialização em Antropologia Social pelo Museu de Antropologia (1971), mestrado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (1978) e doutorado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (1994) (<http://lattes.cnpq.br/2899057397821701>). Trabalhou com outros antropólogos como Anamaria Beck, Silvio Coelho dos Santos e Anelise Nacke no mapeamento das comunidades indígenas de SC.

²⁴ Maria José Reis é doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1998), mestre em Ciências Sociais, com concentração e especialização em Arqueologia, pela Universidade de São Paulo (1980) e graduada em História (bacharelado e licenciatura) pela Universidade Federal de Santa Catarina (1967). Ela acumula em mais de 50 anos de docência disciplinas ministradas em universidade renomadas, artigos publicados em periódicos, livros publicados ou organizados, capítulos de livros, trabalhos e resumos publicados em anais de congressos, além de diversas apresentações de trabalho (Fonte: <https://outrosolharesantropologia.paginas.ufsc.br/verbetes-2/antropologas/>, acesso 03/08/2023)

UFSC na década de 70-80, vindas de fora, entraram apenas com o Mestrado concluído. E outras, que haviam ingressado no curso na graduação, fizeram seus mestrados na própria instituição.

Desde a sua criação, o programa de mestrado das Ciências Sociais era dividido nas áreas da sociologia e antropologia, posteriormente em sociologia política e antropologia. Do grupo estudado, a professora Miriam Hartung foi a única a desenvolver pesquisa na área da Antropologia e a professora Ligia Luchmann, a única identificada pela atuação no campo da Ciência Política²⁵. No quadro abaixo trazemos dados sobre os mestrados das professoras aqui estudadas.

Quadro 3 - Relação dos títulos de Mestrado, segundo ano de obtenção do diploma de mestre

Ano de obtenção diploma	Professora	Título Mestrado	Instituição
1975	Vera Beatriz Teixeira	Especialização ²⁶ em Ciências Sociais	UFSC
1976	Maria Ignez Silveira Paulilo	O Trabalho da Mulher no Meio Rural	USP
1977	Luzinete Simões Minella	Estrutura Etária e Mudança Social em Mucugê.	UFBA
1977	Tamara Benakouche	Le Processus D'urbanization au Nor-Est du Brésil	Paris I
1984	Anita Moser	Mulheres da Zona Rural no Processo de Trabalho Industrial	PUCRS
1985	Elizabete Farias da Silva	O MDB - PMDB em Lages - Análise de um Partido de Oposição no Governo (1972-1982)	UFSC
1986	Janice Tirelli Ponte de Sousa	O Associativismo na Construção da Identidade Social dos Professores: O Caso do Paraná	PUCSP
1991	Lígia Helena Hahn Luchmann	Cotidiano e democracia na organização da UFECO (União Florianopolitana de Entidades Comunitárias)	UFSC
1992	Miriam Furtado Hartung	Nascidos na Fortuna: Identidade e Relações Interétnicas entre descendentes de africanos e europeus no Litoral Catarinense.	UFSC

Quatro das professoras puderam fazer seus mestrados na mesma universidade onde realizaram sua graduação. Sendo que apenas a professora Vera Teixeira, apesar de ter cursado uma especialização com os professores que irão compor o futuro programa de mestrado em

²⁵ Foi incluída no Projeto Mulheres na Ciência Política, realizada pela Associação Brasileira de Ciência Política, publicação organizada pela gestão 2018-2020 (<https://qualitivedatarepository.github.io/dataverse-previewers/previewers/PDFPreview.html?fileid=3910836&siteUrl=https://dataverse.harvard.edu/datasetid=3910614&datasetversion=1.0>), acesso 08/08/2023)

²⁶ Professora foi aluna do curso de especialização em ciências sociais da UFSC, curso de pós-graduação anterior ao programa de mestrado.

Ciências Sociais da UFSC, não obteve o grau de mestre. A professora Tamara Benakouche, realizou mestrado no exterior, em Paris, local onde fez o doutorado também.

As teses de mestrado das professoras foram defendidas entre 1975 e 1992. Os temas de pesquisa, na primeira década, são muito ligados ao trabalho no campo e sobre os impactos decorrentes ao desenvolvimento das cidades. A partir de 1985, ano marcado pelo início do governo Sarney na presidência do país, após intensa luta pela democratização, pelo voto direto e eclosão de movimentos sociais, começam a se diversificar mais os temas. Destacamos a emergência de pesquisas sobre desenvolvimento democrático e associativismo.

Em relação ao movimento feminista no final da década de 70, estava intimamente vinculado à militância da esquerda marxista, como o praticado no Centro da Mulher Brasileira (CMB) no Rio de Janeiro, que procurava “desalienar” as mulheres sobre os direitos e conscientizar classes populares (PEDRO, 2006). Diferente do feminismo que se desenvolveu na Europa e nos EUA após a Segunda Guerra Mundial, que deu “prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado”; no Brasil fazia-se uma dupla militância: “ao mesmo tempo, contra a opressão capitalista e contra a opressão patriarcal. O que se queria era formar uma sociedade socialista feminista” (PEDRO, p.268, 2006)

As professoras Maria Ignez Paulilo e Anita Moser fizeram dissertações dentro da temática de mulheres e gênero, em 1976 e 1984, respectivamente. Ambas as teses ligadas ao trabalho da mulher da zona rural.

A professora Luzinete Simões Minella irá desenvolver a temática das mulheres a partir do seu doutorado sobre saúde mental, já na década de 90, segundo próprio relato para o Projeto Outros Olhares:

“eu já estava na pós de Sociologia Política aqui na UFSC, já tinha vindo do doutorado já estava aqui, foi quando eu comecei trabalhar com saúde reprodutiva porque eu fiz toda uma vinculação com o NEPO, o Núcleo de Estudos de População, acabei fazendo um semestre sabático, acabei fazendo um pós doutorado, então aquela equipe liderada pela Elza Berquó²⁷ foi bem importante para mim” (MINELLA, 2022).

²⁷ Elza Salvatori Berquó é uma pesquisadora brasileira, titular da Academia Brasileira de Ciências na área de Ciências Sociais. Especialista em estatística e demografia, estudou a reprodução humana na cidade de São Paulo, em meados da década de 60, observando pela primeira vez, a queda na fecundidade das mulheres. Produziu cerca de 100 artigos e 26 livros escritos ou organizados (<https://revistapesquisa.fapesp.br/elza-berquo-marcas-do-pioneirismo-na-demografia/> , acesso 08/08/2023).

Esta geração de pioneiras no Curso tiveram, obrigatoriamente, que fazer seus doutorados em outras instituições porque ainda não havia este nível de formação de pós-graduação na UFSC. Em suas entrevistas, detalhes relacionados à família e conjugalidades serão bastante mencionados ao contarem experiências relacionadas ao mestrado e ao doutorado, temas desenvolvidos no item 3.2 deste Trabalho.

Em relação ao desenvolvimento das temáticas, professora comenta sobre escolha da interdisciplinaridade na pós-graduação:

(...) na área da psicologia da educação e social. Foi uma escolha. Sempre me dei bem com a psicologia. A parte da sociologia foi muito importante porque os autores que eu lia eram sociólogos. Peguei o Adorno, gosto muito dele. O único problema era o eurocentrismo dele. Você vai limpando o terreno. Hoje em dia está tudo tão diferente. Ser professor hoje é complicado, tá difícil.

Outra comenta sobre o seu objeto de pesquisa:

(...) o mestrado tava para mim muito simples porque eu tinha um objeto de pesquisa muito claro que era o que estava acontecendo (...) uma grande indústria estava se instalando em 75, ocupando as mil mulheres mão de obra ociosa porque a pequena propriedade agrícola já tinha se desarticulado depois da segunda guerra. Veio, como é que se diz, o açúcar veio de uma usina bem mais barato do que fazer em casa como antigamente se fazia o açúcar em casa (...) você desarticulou a pequena propriedade. Vieram as tobatas para as arrozeiras (...) não precisava mais aquela turma imensa colhendo arroz e etc, (...) a mão de obra ociosa foi grande então quando o padre na igreja disse que uma fábrica ia se instalar e quem que queria trabalhar, De uma hora para outra, mil mulheres se ofereceram para trabalhar, era mão de obra muito fácil dar para indústria poder fazer a sua acumulação de Capital (...).

Professora comenta sobre influência do estágio, na escolha do tema de mestrado, e posteriormente durante a carreira, ainda nos anos 80:

(...) uma comunidade muito carente, então trabalhamos juntos com grupo do campo da saúde pública, saúde comunitária. E desenvolvemos um trabalho de organização comunitária de organização popular que foi muito importante e que acabou me adentrando num tema que eu venho desenvolvendo até hoje que é o tema da sociedade civil da organização das organizações sociais os movimentos sociais e migrando cada vez mais para o campo mais específico da Ciência Política. Estudando as diferentes formas de modalidades de participação política.

Em relação aos primórdios da pós-graduação em Ciência Sociais na UFSC, em trecho, professora relata proeminência da Antropologia e seu peso na formação dos alunos:

(...) a área de Antropologia, para nós, foi muito importante, porque nos abriu a esse cosmopolitismo. (...) você tinha uma educação muito mais vinculada à

França, do que, na época, aos Estados Unidos, por exemplo. Era toda uma cultura européia, francesa, do que depois aqui, na graduação, a gente vai se vincular mais a conteúdos dos Estados Unidos. (...) Então, eu acho que a nossa graduação foi muito feliz nesse aspecto, a gente não tinha uma especialização específica. Tanto que quando eu entrei na especialização, o professor Silvio Coelho dos Santos era o coordenador; eu tive uma certa dificuldade de adentrar... Inclusive eu ganhei uma boa, digamos, "surra", entre aspas, do professor Silvio Coelho dos Santos porque eu tinha muita dificuldade de adentrar no raciocínio antropológico que eu não tinha, não tenho. Não tenho, meu raciocínio é um raciocínio bem de Ciências Sociais, e eu acho que isso foi feliz na nossa disciplina, no nosso curso de Ciências Sociais.

Outra professora conta a sua motivação para migração da História para a área da Antropologia, na busca por espaço para o desenvolvimento de tema se seu interesse:

Minha migração para Antropologia tem haver com uma limitação da História feita aqui, na época, que era muito documental e eu estava mais interessada na história oral. (...) minha migração para a Antropologia é por aí, porque eu queria fazer uma pesquisa com a história oral de pessoas negras antigas de Florianópolis. A perspectiva teórica no curso de História na época não fazia essa abordagem, tanto que meu TCC (...) eu pedi uma dispensa para poder ter uma orientação em outro departamento. E aí no final de 87 eu já fiz a seleção para o mestrado (em antropologia).

Ainda sobre as mudanças na dinâmica do curso, na década de 80, professora conta sua experiência em transitar entre áreas e os impactos na configuração e perfil do curso, no retorno dos cientistas dos seus doutorados, quando o Curso passa a se voltar mais para área da pesquisa:

(...) fiz o doutorado no Museu Nacional em Antropologia Social porque me impressionou muito o pessoal de Antropologia (...) eram muito bons. A Gisele Potengi, a Regina Novaes (...). E eu me encantei e então em vez de fazer um doutorado em Sociologia, eu fiz o doutorado em Antropologia, felizmente eu fui aceita na seleção. (...) quando eu voltei, a graduação era outra. O departamento era outro, tinha entrado professores novos, tinham uma dinâmica bem diferente de quando eu saí, inclusive os professores, começaram a ir para doutorado. Professores que estavam com uma tese eterna de Mestrado que nunca terminava. Tinha muita gente assim: fez mestrado sem licença nenhuma e continuava dando aula e não acabava a tese. Foi também uma proposta do CNPQ. Aí o pessoal terminou e foi para o doutorado, tinha gente que tinha sete anos que estava fazendo mestrado.

Professora relata a experiência de desenvolver tema de doutorado no exterior, numa área inovadora, com professores da área de engenharia:

(...) penei um pouco, sabe? Porque o meu francês era bom, muito bom, mas era mais a linguagem mesmo de engenheiro. Ele tinha uma teoria de redes, com as propriedades das redes e dos sistemas, ele entrava um pouco pela teoria dos sistemas. (...) ele tinha feito um trabalho sobre o sistema de distribuição de água; ele era o "bam-bam-bam" nisso, esgoto e sistemas de

distribuição de água, que era uma questão urbana; como... ele dizia que era um casamento de interesses, "mariage d'intérêts". (...) Então, um casamento de interesses. Ele mostra como a sociedade se adequou a essa tecnologia e como a tecnologia se adequou; inclusive como a largura, digamos assim, do cano, tinha a ver com o lugar onde ele servia. (...). E ele me aceitou (...) e ele disse "Você não vai estudar informática", isso é importante dizer. "Porque, hoje, o computador sozinho, ele não faz nada, não faz nada. O que vai ser a grande transformação é a ligação dos computadores por redes. Você vai estudar as redes de comunicação." Aí eu disse "Tudo bem, vou estudar as redes de comunicação, não é mais a informática." E foi isso que eu fiz. Nem tinha internet!

Os dois Programas de Doutorado em Ciências Sociais na UFSC foram criados em 1999, vinte anos após criação do Mestrado, agora já divididos em Programa de Pós-graduação em Sociologia Política (PPGSP)²⁸ e Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS). A professora Ligia Luchmann que se reconhece como socióloga política, sobre o início do programa, comenta em sua entrevista ao Projeto Outros Olhares:

“(...) quando passou para o doutorado, ele se chamava programa de pós-graduação em sociologia política. Tinha uma preocupação muito farta com essa interface de pensar a política e o social e o mundo político e mundo social de forma interconectada. Não dá para entender o mundo social sem entender o mundo político e vice-versa. Então eu acho que um dos núcleos que, de fato, sempre fez sociologia política foi o nosso núcleo de movimentos sociais” (LUCHMANN, 2022).

A realização da pós-graduação é uma experiência da vida profissional que teve que ser administrada paralelamente à vida pessoal. Muitas vezes elas tiveram que adequar as suas vidas pessoais a exigências acadêmicas e mudanças da coordenação de pesquisa, que foram se alterando ao longo do tempo em que permaneceram na universidade.

3.2 GÊNERO, CONJUGALIDADES E FEMINISMO

Esta é uma geração de mulheres que iniciou suas carreiras universitárias nas décadas de 70 e 80. Período, nos estudos de gênero, conhecido como Segunda Onda do feminismo, nesse período a discussão sobre a feminilidade no mundo se aprofundava também nas questões do cotidiano da mulher onde temas como família, sexualidade e trabalho estavam nas pautas das discussões. Na mesma época, o Brasil passava por uma ditadura militar (1964-1985), repressora de direitos individuais e políticos. Ser mulher, com carreira numa universidade

²⁸ Em 2019 o programa de Sociologia Política, passará por nova reforma dividindo-se em Sociologia e Ciência Política.

pública nesse período, significava estar, de alguma forma, em contato direto com essas questões.

Quando convidadas para a entrevista, o motivo era de compartilhamento das trajetórias profissionais com o Projeto do Núcleo. Como as entrevistas não eram com perguntas estruturadas, o assunto gênero, conjugalidade e feminismo apareceram, na maioria das vezes, espontaneamente ao comentarem suas trajetórias e, em alguns casos, em casos pontuais como na entrevista da professora Ligia Luchmann, quando perguntada sobre o fato de ter sido uma das poucas referências de professora mulher trabalhando com Ciência Política na UFSC, em sua geração.

O assunto gênero e conjugalidades, esteve presente com outros temas mencionados pelas interlocutoras nas entrevistas: carreira, família, casamento, filhos, rede de apoio, autonomia financeira. Somente uma das entrevistadas não mencionou casamento. As demais relataram dificuldades para conciliar carreira e família. A família de origem, na fase da construção de trilhas profissionais, apareceu como rede de apoio.

Suas trajetórias profissionais, se caracterizaram por exigir deslocamentos para realização de pós-graduação, participação em congressos, visita a universidades, entre outras. Observações relacionadas ao esforço para conciliar demandas profissionais e pessoais como: “*fiz trabalho de campo grávida, ganhando filho; tanto que eu ganhei os meus primeiros cabelos brancos (risos) ficando grávida e fazendo mestrado*”, foram ouvidas de diversas formas.

Os filhos e os casamentos aconteceram em momentos distintos da carreira, impactando também de diferentes maneiras. A maioria delas se casou com pessoas da área acadêmica, com quem tiveram filhos e partilharam questões relativas à condução da vida profissional e doméstica.

Por serem grupo de mulheres trabalhadoras, quase todas com filhos e exercendo profissão que é exigente em termos de qualificação, aspectos que decorrem da divisão sexual do trabalho apareceram em seus relatos. Observações relacionadas a diferenças no trabalho laboral em casa e diferenças no ambiente do trabalho assalariado. Ressalta-se a existência de uma dificuldade histórica das mulheres se firmarem em trabalhos de maior complexidade técnica, em comparação aos homens, matéria que é objeto de estudos aprofundados no campo

social. Muitas vezes exigindo da mulher uma qualificação acadêmica maior que os homens na execução de trabalho de mesmo nível técnico (LAPA, p. 153-155, 2022)²⁹.

Na tabela a seguir procurei relacionar alguns detalhes dos marcadores mencionados, relacionando casamentos, divórcio, filhos e redes de apoio, com base nas informações coletadas nas entrevistas para o Projeto.

Quadro 4 - Família : conjugalidade, filhos rede de apoio

casamento		viúva	divorcio/ separação	novo casamento	cônjuge do meio acadêmico	n. de filhos	rede de apoio
1	sim	não	não	não	sim (área Ciências Sociais)	2	mãe
2	sim	sim	não informou	não informou	sim (área Engenharia)	1	“esquema empregada-babá”
3	sim	não	sim	não informou	sim (área Ciências Sociais)	1	apoio de empregada doméstica
4	sim	não	não	não	sim (área Engenharia)	3	empregada e babá
5	sim	não	não	não	não informou	1	mãe e sogra
6	sim	não	sim	sim	sim (área Agronomia)	2	“Devo a minha vó, minha irmã, meu ex-marido, aos amigos que me ajudavam”.
7	sim	não	sim	não informou	sim (área Ciências Sociais)	2	empregada pois não tinha família em Florianópolis.
8	não informou	idem	idem	idem	idem	idem	idem
9	sim	sim	não informou	não informou	sim (área Educação Física)	5	empregada doméstica que hoje ajuda a cuidar das bisnetas

²⁹ Thaís de Souza Lapa é professora adjunta do departamento de Sociologia e Ciência Política e do Programa de Pós Graduação em Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina, onde coordena o Laboratório de Sociologia do Trabalho - LASTRO. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Campinas - UNICAMP (2019), com a tese intitulada "O gênero do trabalho operário: condições de trabalho, divisão sexual e práticas sociais em indústrias metalúrgicas dos segmentos automotivo e eletroeletrônico" (<http://lattes.cnpq.br/2899057397821701>, acesso 31/08/2023).

Destas trajetórias, sete informaram serem ou terem sido casadas com homens docentes universitários. Uma não mencionou casamento e a outra, não comentou a profissão do cônjuge, apesar de informar que o seu pai foi professor do departamento de Economia da UFSC.

A maioria teve um ou dois filhos e em relação a rede apoio no cuidado destes relataram que a ajuda de trabalhadoras domésticas foi para esse suporte, embora mãe, sogra, irmã, amigos e ex-marido também tenham sido mencionados.

A separação/divórcio aparece na mesma proporção que a permanência no casamento. As três professoras que permaneceram em suas relações até o presente, comentaram sobre o tempo de casadas nas entrevistas. Duas ficaram viúvas, uma ainda com filha jovem. A outra professora viúva, contou que a decisão pela aposentadoria foi porque o marido estava doente e ela estava constantemente se afastando do trabalho para poder lhe dar assistência.

A professora que não informou casamento nem filhos é também a professora com mais idade e revelou que fez parte de uma congregação religiosa por 40 anos. Perfil de professores presente nos primeiros anos do curso, comentado em entrevista de outra pioneira: *“era muito ex-freira e ex-padre. Então, a gente não tinha uma vivência muito grande com os masculinos, vamos dizer assim, porque eles tinham uma formação bem complicada, mas até tínhamos ex-freira, que era o caso da Terezinha Volpato³⁰, que ela era uma cabeça muito aberta”*.

3.2.1 Carreira e conjugalidades

Apesar delas terem se casado em momentos diferentes da carreira - durante graduação, mestrado ou doutorado, quase todas tiveram parceiros também acadêmicos, característica observada nas trajetórias de docentes de outras universidades brasileiras. Candice Souza em sua reflexão sobre as professoras pioneiras de cursos de ciências sociais observa que *“a escolha de um parceiro também com carreira acadêmica (ou com posição compreensiva dos aspectos da carreira acadêmica) é decisiva para o sucesso profissional das mães acadêmicas* (SOUZA,p.20, 2020). Mesmo assim, em todas as entrevistas analisadas, não faltaram reflexões sobre as dificuldades na administração da vida conjugal e doméstica em paralelo à vida profissional.

³⁰ Terezinha Gascho Volpato, professora titular aposentada do departamento de CSO da UFSC, tomou posse em 1977, atuando na graduação e na pós-graduação principalmente nos seguintes temas: carvão, mineiros, sindicato e doenças profissionais. Faleceu em 2017. (<http://lattes.cnpq.br/0075305243681370> e <https://www.padrescasados.org/archives/61899/falecimento-de-terezinha-gascho-volpato-em-sc/>, acesso 08/08/23)

Decisões importantes como a escolha da mudança de cidade e universidade e escolha de cidade para realização de pós-graduação aparecem em seus relatos como importantes momentos do projeto profissional, que envolveram a relação conjugal e família.

Professora conta que seu arranjo familiar atrasou sua saída para o doutoramento:

(...)eu queria falar da demora do meu doutoramento, novamente aí, de certa forma, eu deveria falar de uma dominação de gênero. Porque o meu marido cismou que não iria fazer doutorado na França porque ele não ia se submeter a um grupo de pesquisa na França, e eu fiquei esperando a decisão dele. Por isso que eu demorei tanto, porque por mim eu faria o doutorado tranquilamente na França, eu já tinha a prova de francês.

Em outros arranjos conjugais, as professoras relatam detalhes de importantes decisões para trajetória profissional do casal:

Me formei em (...) até o mestrado, aí eu fui contratada pela Universidade (...) e eu tava lá trabalhando, mas aí eu comecei a namorar meu marido, ele tinha loucura por Florianópolis. E acabou me convencendo a vir para cá. Foi assim, acompanhando o marido mesmo bem da maneira tradicional.

(...) ele veio me visitar, e segundo ele, não gostou de (...). Mas ficou quieto, não me disse, e aí quando ele voltou, começou a procurar emprego (...). Então, um belo dia ele liga para mim e diz "Olha, nós vamos casar, como eu prometi, mas nós vamos morar em (...)". Eu quase desmaiei (risos). Mas eu queria casar, então eu fazia qualquer negócio. Então fui morar em (...), não pedi imediatamente demissão, pedi licença sem vencimento e fui morar em (...). E eu tinha essa minha dissertação de mestrado, que naquela época ainda era grande coisa, eu estou falando de 78.

(...) ele foi para lá, nós ficamos ali por meses dialogando com os colegas e vendo quais as chances que ele tem e de repente vimos que não, aqui tinha mais, o chefe do departamento era grande amigo dele, chefe do departamento de Ciências Sociais, e então viemos para cá. Ele dizia "Não, com o tempo (...) vai acabar sendo absolvida, então tenta". Então eu tentei ficar cedida pela (...), e era considerada uma professora emprestada, cedida, na espera de uma transferência.

Deslocamentos, arranjos familiares, decisões importantes, que geraram uma série de outros tipos de adaptações. Uma professora comenta a reação de colegas na sua chegada no novo departamento:

"quando eu cheguei aqui, primeiro, cheguei de uma maneira que ninguém explicou direito, a impressão que o departamento teve foi: "o marido é engenheiro, tá empregado, enfiaram a mulher aqui". A recepção foi meio difícil, sabe e eu não sabia da história. Não percebia. Mas já cheguei trabalhando".

Em relação ao ganho de autonomia financeira, a partir do desenvolvimento profissional, professora afirma que as relações conjugais foram se modificando ao longo do tempo:

Então, claro, essa questão da articulação entre a vida pessoal e a vida profissional para as mulheres sempre pesa muito mais né. Com o tempo, eu falo que vai melhorando com o tempo que a gente também vai revendo posições, papéis familiares e estabelecendo conflitos e promovendo alterações. Um processo até que de fato a gente consiga um maior equilíbrio. E, além disso, a minha entrada como profissional depois acaba sendo um salto importante porque você passa a ter maior autonomia financeira também. É fundamental. Então as relações de poder começam a se alterar um pouco, mediante essa maior Independência também financeira econômica, mas de maneira geral, assim, acho que a gente conseguiu também no sentido de companheiro que sempre acabou me estimulando muito a fazer doutorado, depois a fazer o pós-doc, eu fui para fora sozinha”

A parceria afetiva no meio acadêmico, aparece em observações como: “Foi assim, nós sempre fomos muito unidos. O que tem de melhor na minha vida que aconteceu foi o meu encontro com o (...). A gente se dá muito bem”. Também relacionado ao compartilhamento de informações referente às questões institucionais da Universidade e da profissão como em:

Éramos mais de compartilhar os aprendizados quando chegávamos em casa para tomar café, ele estava fazendo projeto para o CNPq aí eu pedia para ver como ele estava fazendo, pedia um modelo, aí ele falava “vou mostrar, vou mandar para seu computador”. Essas trocas entre nós sempre aconteceram e trouxeram bons resultados.

Assim, se por um lado poderia haver um maior entendimento sobre os percalços da vida acadêmica; por outro, observa-se que quando falam de decisões grandes como do planejamento da cidade em que a família para morar, aperfeiçoamento profissional, percebe-se uma desigualdade, em algumas falas um protagonismo, ou uma priorização, de um lado da relação.

3.2.3 Maternidade e Rede de Apoio

A maternidade vem acompanhada da necessidade de adaptações e concessões para poder conciliar demandas da vida doméstica com as demandas na vida profissional. Rede de apoio é mencionada em todos os relatos como fundamental nesse processo.

Em trecho, professora conta que atrasou a entrada para a universidade para cuidar da filha e que a sua profissionalização as mudanças em suas relações conjugais com a gradual profissionalização:

Eu tive a minha filha(...) muito nova, com 19 anos. Estou casada desde aquela época, mais de 40 anos. E aí eu entrei na universidade também quando ela fez três anos, então ela atrasou, inclusive, minha entrada na universidade em função do bebê. Eu ficava cuidando, como dona de casa, eu

cuidava e meu marido trabalhava. Então quando ela estava mais crescadinha, contando com ajuda de sogra e de mãe, das mulheres, eu pude então ir fazer o curso e seguir a minha trajetória na minha carreira profissional.

Professora conta sobre a interrupção da carreira na pesquisa, devido a dificuldade em se deslocar, tendo filhos:

(...) tudo que era feito era em São Paulo, Rio e eu não tinha maneira de me deslocar com a filharada, porque eu tinha (...) filhos, já tive um filho homem que é falecido então eu tive que me ater ao trabalho que a Universidade proporcionava. Então a gente fazia muito esses cursos rápidos, cursos de extensão, palestras, congressos, coisas assim que pudessem trazer coisas novas para dentro do curso da Universidade, então foi isso que me restringiu.

Elas relatam que contaram com o apoio de trabalhadoras domésticas na organização das demandas domésticas com casa e com os filhos. Característica presente nos lares brasileiros de classe média e alta desde a época da colônia (BRITES 2000)³¹.

Este tipo de apoio, e a relação que essas trabalhadoras desenvolvia com as famílias, apareceu em muitos dos relatos das professoras, como o que segue:

Eu tive uma empregada doméstica, que eu assinei a carteira dela aos dezessete anos, ela se aposentou lá em casa, e segundo ela "a Dona (...) me ensinou muitas coisas"; ela fala para as pessoas com quem ela trabalha. Hoje, ela trabalha duas vezes, duas manhãs lá em casa. E a (...), como ela gosta de falar, ela foi uma pessoa imprescindível na minha vida. Teve uma época em que eu tive também uma babá junto com ela. Então eu tinha duas pessoas me ajudando. Me ajudando não, elas trabalhavam intensamente na minha casa, porque eu viajava e a (...) dormia lá em casa com os meus três filhos, claro que o meu marido estava junto, mas na verdade, como diz a minha neta "Na verdade, vó..." a Zildinha foi um esteio fundamental"... quer dizer, um esteio fundamental para uma mulher".

A família de origem também é mencionada ao se referiram ao apoio no cuidado com os filhos, para poderem ir trabalhar:

Minha mãe me deu muita força, entendeu? Ela me ajudou. Isso é o outro lado porque minha mãe não trabalhava, então ela punha a menina a tiracolo, levava na igreja. Pra cima e para baixo. Para a igreja, com as amigas. Punha no carrinho e pegava o ônibus. A mamãe foi formidável. E a noite estava lá minha filha cheirosinha, limpinha. O menino já foi mais complicado. Que aí a mamãe cuidava, mas ele teve muito problema de ouvido, então eu tinha que pedir muito licença, então estava complicada minha vida.

³¹ Jurema Brites é doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFRGS. Desde 2010 é Professora do Departamento de Ciências Sociais da UFSM. Seus estudos estão focados principalmente em Relações de Gênero, Família, Geração, Trabalho e Classe na Sociedade Brasileira (<https://www.ufsm.br/cursos/graduacao/santa-maria/servico-social/jurema-brites>, acesso 10/08/2023)

Durante o período de infância e juventude dos filhos dessas professoras, já existia uma discussão mais aprofundada sobre a valorização do trabalho doméstico³². Além dessa antiga relação de patrão e empregada das classes de mais poder econômico, outras questões relativas à valorização e desvalorização do trabalho doméstico, divisão sexual do trabalho, papéis domésticos desempenhados pelas mulheres, entre outras, eram discutidas (MELLO, 2010)³³.

Em relação a esses combinados e papéis assumidos na dinâmica da casa, relativos ao cuidado da casa e da família, uma das professoras comenta:

Eu me separei, sou divorciada, mas até hoje eu sou amiga dele, é um grande amigo que eu tenho. Ele me apoiou, parcialmente, não é assim “vai que eu lavo os pratos”, foi “vai que você consegue; quando voltar, você lava os pratos”.

Em outro fragmento, professora, PHD em sua área, comenta sobre o afastamento das questões universitárias para poder dar conta de cuidar também do trabalho doméstico e filho:

Eu sempre tive uma boa empregada, aprendi a administrar, sou uma pessoa organizada. Então eu conseguia sobreviver, mas eu também não tinha uma vida de departamento muito grande. Nunca me envolvi muito, não era obrigatório fazer pesquisa, pelo que eu me lembro.

Ainda relacionado a dificuldades relacionado aos constante deslocamentos para formação acadêmica, que a partir da década de 80, passaram a ser exigência para carreira dentro das universidades:

Eu ia semanalmente, fazia duas disciplinas durante um ano. Eu ia semanalmente de ônibus, ia e voltava, eu era aluna viajante, dei a volta ao mundo de ônibus. Na época as passagens eram caras, então viajava 36 horas por semana, 18 para ir e 18 para voltar. Foi bom a formação do Museu, ninguém precisa de apresentação, bons colegas, bons professores, além da experiência pessoal e de uma carteirinha da Catarinense (empresa de ônibus). Pegava domingo de noite aqui, até São Paulo, pegava o primeiro

³² Sobre os feminismos das décadas de 70 e 80: “Os feminismos, em suas problematizações sobre a divisão sexual do trabalho e a separação de esferas pública e privada como masculina e feminina, respectivamente, questionaram tanto os papéis domésticos desempenhados pelas mulheres nos lares quanto a sua inserção, ou sub-inserção, no mercado de trabalho. Até nossos dias as discussões levantadas por esses feminismos persistem, e a questão do emprego doméstico feminino (a qual intercala os problemas relacionados às mulheres e o trabalho como um todo, juntamente com questões relacionadas à associação historicamente construída entre mulheres e domesticidade; ou seja, não apenas problematizando o emprego doméstico, mas também o trabalho doméstico gratuito) continua sendo ponto de discussão e bandeira de luta de organizações feministas”. (MELLO, p. 312-313, 2010)

³³ Soraia Carolina de Mello é professora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora (2016) e mestre (2010) em História Cultural, bacharel e licenciada (2007) em História pela mesma instituição. Contribui com a equipe do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) da UFSC desde 2005. Tem experiência nas áreas História, Educação e Interdisciplinar em Ciências Humanas, com ênfase em História do Tempo Presente e História Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: trabalho doméstico, história dos feminismos, estudos de gênero, história das mulheres, educação para a diversidade, consumo, imprensa, ditadura, redemocratização, memória e história oral. (<http://lattes.cnpq.br/7470003514048395>, acesso 10/08/2023)

ônibus para o Rio de Janeiro. Ela foi me visitar, mas ficou com o pai aqui. Quando o campo é longe, como um campo na Amazônia, tem colegas que levam a criança, pois não tem como. Eu tinha a possibilidade de voltar no final de semana.

Não ter filhos, nem ser casada também foi recordado como a fase de maior liberdade para investir na carreira e tomar riscos. Como no trecho:

Eu lembro bem que no postal estava cheio de informação, denso e no final estava escrito assim “A seleção vai ser no mês tal, é pegar ou largar”. Até hoje eu brinco com ela sobre essa história de é pegar ou largar, aí eu resolvi pegar, me deu assim uma coisa, pensei assim, eu estando (...) muito próxima dos problemas dos exilados políticos dos países latino-americanos, extremamente receptivo. Então eu disse, olha eu vou, der no que der, depois, se eu me arrepender, não tenho filhos, sou jovem, tomarei outro rumo e seja o que Deus quiser. Fui, e não me arrependi um milímetro, foi uma experiência fascinante!

Como vimos neste capítulo, as professoras estudadas tiveram de fazer muitas concessões em seus arranjos familiares e conjugais ao longo de suas trajetórias de vida. A forma como articularam vida profissional e pessoal se aproxima dos modelos mais tradicionais relativos aos papéis sociais assumidos pelas mulheres na sociedade brasileira, mesmo elas fazendo parte de grupo de mulheres com autonomia financeira devido à suas carreiras profissionais universitárias. Talvez o que as diferencia de outros grupos de mulheres é a reflexão que elas fazem hoje sobre essas escolhas, do passado.

CAPÍTULO 4

A PARTICIPAÇÃO DAS PROFESSORAS NO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS NA UFSC - DA IMPLEMENTAÇÃO A SUA CONSOLIDAÇÃO³⁴

No ano de 2023 comemoramos 50 anos do início da primeira turma do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. Por ocasião do aniversário, as professoras foram convidadas a darem entrevistas para contarem suas trajetórias de docentes, e em alguns casos, e alunas do Curso. A partir de seus relatos, pudemos constatar que elas participaram de diversas formas dessa história: trabalhando com estudantes, desenvolvendo temas, em projetos de extensão, publicando artigos e assumindo cargos e responsabilidades ligados à gestão e à docência.

4.1 ANTECEDENTES

As disciplinas de antropologia e sociologia já existiam na Universidade Federal de Santa Catarina, mesmo antes da fundação do Curso de Ciências Sociais. O sistema de cátedras do início da Universidade vinculava o docente à área e disciplina de atuação. Em 1968, a Reforma Universitária da ditadura instaura novas formas de organização e de funcionamento do ensino superior no país³⁵.

No novo organograma da Universidade, as funções administrativas são descentralizadas e criam-se os departamentos com suas respectivas coordenadorias. O novo sistema permitiu ofertar mais disciplinas ligadas às Ciências Sociais, para uma gama maior de Cursos na Universidade. Mudança que exigiu a contratação, em toda a Universidade, de docentes para comporem os Departamentos recém-criados.

Com a criação do Departamento de Sociologia, os professores e professoras de Sociologia e Antropologia que se encontravam espalhadas pelo campus nas extintas Faculdades, foram reunidos. Processo que fortaleceu o impulso para criação de novos Cursos, entre eles, o de Ciências Sociais. O Departamento de Sociologia foi criado em 1968 como parte do Centro de Estudos Básicos. Em 1972, aprova-se o curso de Licenciatura em Estudos Sociais (ABELINO, 2010; AUED, 2006).

³⁴ Capítulo contém fragmentos do artigo “Reposicionando o Olhar: Pioneiras das Ciências Sociais UFSC, sobre o documentário com mesmo nome, apresentado na 21º Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado de 11 a 14 de julho de 2023, na Universidade Federal do Pará. Co-autoria de: Suzana Vergara, Bárbara Amorim, Miriam Grossi, Vitória da Silveira, Carmen Heisecke.

³⁵ A Reforma Universitária foi instaurada a partir da publicação da Lei nº5540/1968, que fixou novas normas de organização e funcionamento do ensino superior

A maioria das entrevistadas destacou o papel da professora Zuleika Mussi Lenzi na criação do curso. Ela foi professora de sociologia na UFSC desde 1967, a primeira coordenadora do Curso e professora da pós-graduação desde a primeira turma. Sobre o contexto político do início do curso uma professora destaca:

Zuleika, ela foi importante na criação do curso mas também na representação de professores, ela teve uma atuação marcante, dinâmica, junto com o professor Hamilton Schaefer, na criação da Associação de Professores. Ela foi uma mulher que... acho que o mestrado também abriu portas para ela, apesar de ser um mestrado de linha quantitativa, deve ter aberto bastante a perspectiva dela. Ela foi uma mulher que, digamos assim, em termos de criação de curso, eu tenho a memória dela e do embate com o professor Nereu do Vale Pereira, que não queria que saísse o curso e ela reportava que era necessário que o departamento, na época de Sociologia, tivesse um curso próprio, ela lutou muito para esse curso próprio.

Outras professoras também participaram desse início e foram mencionadas, como a professora Anamaria Beck, antropóloga, aluna durante a década de 60 da UFSC, militante do movimento estudantil entre 1961-1964 e depois professora pioneira do Curso. Foi diretora do Museu de Antropologia (hoje MAArquE-UFSC) de 1977-1982, professora da pós-graduação desde a primeira turma e Diretora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (1988-1992).

4.2 O CURSO

O curso inicia suas primeiras turmas a partir de 1973, em meio a ditadura. Uma época onde a Ilha de Santa Catarina era um território prioritariamente rural/pesqueiro, mas com uma pujante intelectualidade local urbana, como o Grupo Sul, que estava atenta e em diálogo com movimentos culturais nacionais e internacionais (OLIVEIRA, 2018). A criação da UFSC veio a fomentar a formação de profissionais das camadas médias locais, antes excluídas do ensino universitário pelos custos que morar em outra capital do país implicava (VERGARA, 2023).

Relatos das professoras interlocutoras deste trabalho, alunas da primeira turma, comentam as restrições a formação do pensamento crítico e a vida universitária, nesses primeiros tempos do Curso:

Eu posso te dizer é que foi um curso fraco porque era ditadura, tinha gente que falava, sei lá, tinha quatro, cinco, seis aulas de OSPB, sabe como é, o negócio para te falar a verdade, e a gente sabia que em cada turma tinha o olho grande em cima da gente, cada turma tem um dedo duro então não não

foi fácil, eu acho que hoje vocês fazendo a universidade é outro nível eu recuperei na pós-graduação que eu fiz em (...).

Tinha o movimento estudantil mas era parco, o único momento em que a gente podia sair na rua era quando a gente fazia a caminhada da vergonha no vestibular; em que a gente saía daqui da Trindade até o Centro levando trote, era a única caminhada permitida pela ditadura, a gente não saía na rua.

Em 1978, o Curso de Licenciatura em Ciências Sociais é confirmado pelo decreto 81.144. A professora Zuleika Mussi Lenzi será a primeira coordenadora do curso. Após saída dela para o mestrado, a coordenação é assumida pela professora Vera Beatriz Felix Teixeira, que assume a tarefa concomitantemente ao ensino na graduação, durante 16 anos.

4.3 ATUAÇÃO PROFISSIONAL

4.3.1 Cargos de Gestão

Nos 50 anos do curso de Ciências Sociais, várias foram as professoras que se dedicaram à coordenação e subcoordenação. De acordo com os dados coletados por Atina Esteves (2022) durante sua participação do Projeto Outros Olhares/ Mulheres Pioneiras da Ciências Sociais, os 25 primeiros anos do curso estiveram sob o comando de mulheres. Segundo seu levantamento:

A primeira coordenadora foi a professora Zuleika Mussi Lenzi que ficou somente um ano, seguida da professora Vera Beatriz Felix Teixeira que ficou na coordenação de 1976 até 1992, e das professoras Luzinete Simões Minella, coordenadora de 1993 até 1995, Elizabeth Farias da Silva que coordenou o curso em 1990, 1993 e 1997, Miriam Hartung de 2005 a 2007 e Maria Soledad Etcheverry Orchard que coordenou o curso de 2007 a 2009. (ESTEVES, p.4 2022).

Sobre essa experiência, uma das professoras relata em sua entrevista sua perspectiva:

(...) era um cargo muito burocrático e não chamava atenção de quem trabalhava em pesquisa, de quem gostava do ramo do ensino realmente, porque você se envolvia muito com o curso na prática. Então nós tínhamos ainda no início, vamos dizer assim, da matrícula informatizada, mas era muito complicado tudo, tinha muita dificuldade, os alunos tinham muita dificuldade de fazer, esse trabalho a gente fazia quase manual. Então isso era uma coisa assim que não chamava muita atenção de ninguém, não tinha alguém que fosse lá reivindicar.

Questionando diretamente a questão do gênero na escolha dos cargos relacionados a atividades técnicas-administrativas da universidade, outra professora ressalta:

(...) ao mesmo tempo eu me perguntava, gente, nós somos mulheres no poder ou nós só estamos fazendo o que os homens não querem fazer, afinal qual é nosso papel? Não é do interesse deles, eles querem fazer suas carreiras. Ao mesmo tempo que pensa na panela, na comida, no mercado, tem que pensar no que tá acontecendo, pensar em como administrar, porque era uma questão de como administrar a graduação, significava uma série de desafios.

Atina Esteves (2022) aborda tema trazendo reflexão sobre a ligação das mulheres com serviços de cuidado, com referência a antropóloga feminista Tania Pérez-Bustos, apontando que a “*prática das mulheres na universidade é atravessada por suas subjetividades, (...) um ethos do cuidado que se mostra e atravessa as mais diversas e posições hierárquicas das mulheres*”. Em complemento a essa reflexão, ressaltou a complexidade dessas duas primeiras décadas do início do curso, marcadas por profundas mudanças e necessárias adaptações institucionais, em função do contexto histórico, de repressão e abertura política, diretamente vinculado ao gradual desenvolvimento de um pensamento crítico científico na universidade. Estar na coordenação exigia uma demanda constante por adaptações na gestão administrativa do curso e intermediação de um complexo e dinâmico jogo de interesses no interior da universidade.

4.3.2 Contribuição no ensino

Uma das marcas dessas professoras é a dedicação ao ensino (VERGARA, 2023; ALESSIO, 2022; AMORIM, 2022). Com disciplinas e projetos desenvolvidos durante suas trajetórias acadêmicas dentro da universidade, em suas entrevistas, em diversos momentos, elas mesmas realizam recortes nas próprias falas, que podem ser analisadas dentro da categoria de gênero.

Como no comentário da professora sobre o retorno ao departamento, sobre o sentimento de exclusão ou falta de notoriedade no campo científico, após período de aperfeiçoamento acadêmico, na atribuição de disciplina fora de seu campo teórico:

Quando eu voltei do meu pós-doutorado, foi muito engraçado, pois já tinham sido decididas as disciplinas no final do ano para o ano seguinte. Eu tive que dar: Estudos de Problemas Catarinenses no curso de Ciências Contábeis, a noite (risos). Um prêmio por todo o meu esforço, de suar inglês.

Também no comentário desta professora que, durante um longo período, assumiu a responsabilidade de importante disciplina metodológica: “*Eu fiquei dando metodologia na graduação e na pós sem parar porque ninguém queria metodologia de pesquisa, ninguém tem interesse então eu fiquei tempo dando metodologia*”.

Em outro relato, professora comenta dedicação a maestria de disciplina mais ligada ao curso de licenciatura de ciências sociais:

Agora eu me dediquei muito à sociologia da educação na graduação. Isso bastante, pois eu gostava muito também. Ninguém queria dar. Por que? Sempre era o filho pobre da sociologia, a sociologia da educação.

As professoras também se destacaram no desenvolvimento e construção de temas inovadores e novas disciplinas:

*(...) vim dar depois na graduação, que foi interessante, foi quando começaram os blogs. **Eu comecei a dar uma disciplina, para o pessoal das licenciaturas, para aprender a fazer e usar blogs para comunicar e dinamizar.** Eu comecei a perceber, veja que **minha última pesquisa aqui foi no tema do uso da tecnologia na licenciatura.** E minha conclusão foi: “zero”. Fazia-se pesquisa sobre a revolução das tecnologias, mas você procurava ver que revolução era essa nas escolas e universidades, mas não tinha.*

Satisfação no desenvolvimento de técnicas e métodos de ensino inovadoras foram lembrados com carinho: “(...) aqui encontrei um lugar para eu poder ter academicamente aquilo que eu queria. (...) aos poucos eu fui formando núcleo e aqui, vou dizer, me encontrei com meus alunos. Se é que posso dizer, o que me deu satisfação aqui foi os meus alunos. Eu trabalhei com pessoas brilhantes!”

*(...) comecei a dar aula sobre epistemologia, que eu adorei. Dei no mestrado e na graduação. Consegui fazer aulas bem dinâmicas. **Levei os alunos no laboratório da psicologia, levei no planetário, levei em laboratórios.** Dinamizei bastante, para poder questionar próprio olhar. Será que o que eu tô vendo, é o que eu tô vendo mesmo. É muito interessante, e isso é o começo da complicação para estudar ciências.*

Também sobre prática docente, relações de parceria, afinidades metodológicas e teóricas entre as professoras dentro do Curso foram mencionadas:

*Além do envolvimento muito grande das três grandes áreas, a gente tinha um grupo de professores muito comprometidos com a graduação. Na própria constituição dessa revista e nesses eventos todos eu vou lembrar de **três mulheres do nosso Departamento que foram essenciais:** uma delas é a professora Janice Tirelli Pontes de Souza, que foi companheira desde sempre nesse processo, a professora Luzinete Simões Minella queridíssima também, colega, foi minha professora no mestrado e a professora Elizabeth Farias, que atua também de forma muito intensa com a gente na produção, sempre muito empolgada com essas ideias mais originais, sempre muito criativa*

4.3.3 Contribuição na pesquisa e na extensão

Com a criação do Doutorado dos Programas de Pós-graduação em Sociologia Política e Antropologia Social em 1999 e a Lei 11684 de 2008 que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino na Sociologia no ensino médio, o século XXI inicia-se com demandas, tanto para área do ensino da matéria, quanto para a pesquisa na área. Como observado por Oliveira

(20018-19, pg. 444): “há, nesse cenário, portanto, uma maior ênfase na pesquisa, mas ao mesmo tempo, um desenho mais claro no que tange à questão educacional, sendo reforçada pelos seminários de licenciatura e pela proposta de TCL”

As professoras do curso estavam presentes tanto na condução da gestão das mudanças institucionais, de forma pioneira e também no seu desenvolvimento ao longo da década de 90 e nas primeiras décadas dos anos 2000 na construção e coordenação dos núcleos de pesquisa. Tendo a oportunidade de contribuir para o desenvolvimento de linhas de pesquisa e no fomento através de bolsas de estudos nas diversas áreas.

Como foram inúmeras as contribuições e destaques observadas em cada trajetória, no quadro a seguir procurei fazer uma relação sucinta do que observei a partir das falas das próprias professoras.

Quadro 5- Pesquisa: núcleos e destaques

Professoras	Núcleos	Destaques
Vera Beatriz Teixeira	-	Assumi a coordenação do curso por 16 anos consecutivos, durante os anos de repressão e implementação dos primeiros currículos do curso, fazendo mediação entre alunos e instituição. Trabalhou na implementação do Museu do Ribeirão da Ilha junto com o professor Nereu do Vale Pereira e professora coordenadora do “Programa de Estudos Catarinenses” do Departamento de Sociologia, no início da década de 80.
Maria Ignez Silveira Paulilo	NAF - Núcleo de Estudos Sobre Agricultura Familiar.	Fez mestrado em 1976 sobre mulheres camponesas. Ao longo da carreira, realizou trabalhos de pesquisa na área de sociologia rural e engajamento político das mulheres camponesas. Trabalhou com Zuleika Lenzi com Integração da agroindústria no oeste de Santa Catarina no início da década de 80 e com os impactos da fumicultura no sul do estado. Foi fundadora do Núcleo de Estudos Sobre Agricultura Familiar - NAF, em 1998.
Elizabete Farias da Silva	Projetos Globais e o Estranho. Situações Locais e o Diverso	Professora pioneira, foi aluna da primeira turma de ciências sociais na UFSC, fez mestrado sobre o MDB no estado de SC, região de Lages e doutorado na área da sociologia da educação, sobre a gênese do ensino na UFSC. Orientou inúmeras pesquisas, contribuindo para o desenvolvimento do campo científico no estado.
Tamara Benakouche	NETEC – Núcleo de Estudos em Educação, Tecnologia e Cultura.	Ainda na década de 70 trabalhou com questões do desenvolvimento e planejamento urbano. Fez pesquisa na área de tecnologia e redes eletrônicas nas décadas de 80 e 90, a “pré-história” da internet. Foi pioneira no ensino à distância no LED - o Laboratório de Educação a Distância. Foi a primeira editora da revista Política e Sociedade. Seu artigo de destaque foi na área de riscos da tecnologia, cujo título é: Tecnologia é Sociedade.
Anita Moser	-	Foi aluna da primeira turma de ciências sociais na UFSC, foi pioneira no estado de SC no estudo de questões relacionadas às mulheres rurais e o trabalho, no contexto da instalação das fábricas têxteis na região de Blumenau.
Luzinete Simões Minella	IEG - Instituto de Estudos de	Iniciou carreira de docência e pesquisa aos 25 anos na UFBA. Fez doutorado na Universidade Nacional do México - UNAM. Destacou-se na

	Gênero. NIGS - Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades.	área de saúde mental, reprodução feminina, interseccionalidades na pesquisa, mulheres cientistas e cotas raciais. Após a aposentadoria, integrou a coordenação da REF - Revista de Estudos Feministas.
Lígia Helena Hahn Lückmann	NPMS – Núcleo de Pesquisa e Movimentos Sociais	Trabalhou durante a década de 90 com movimentos sociais e articulações com o associativismo, sempre ligada ao NPMS -Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais, em diálogo com a Ciência Política, sendo identificada como referência feminina na área.
Janice Tirelli Ponte de Sousa	NEJUC - Núcleo de Estudos da Juventude Contemporânea.	Fez mestrado e doutorado na área de psicologia social. Manteve ligação com juventude e com o engajamento político durante toda carreira realizando e orientando pesquisas e projetos de extensão relacionados ao tema, sendo fundadora do Núcleo de Estudos da Juventude Contemporânea- NEJUC.
Miriam Furtado Hartung	NUER- Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas. A-funda – Núcleo de Pesquisa em Antropologia Fundamental	Relevante engajamento e atuação em questões político-institucionais da UFSC, tendo sido diretora do Centro de Filosofia Humanas por dois mandatos consecutivos. Ligada desde a graduação ao Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas - NUER, participou do diagnóstico e reconhecimento de comunidades quilombolas da região sul e criou o A-Funda, promovendo pesquisa sobre teoria antropológica, junto com Marnio Teixeira Pinto.

Nos núcleos ocorre a integração de docentes e discentes em torno de temas e teorias de interesse dos grupos que os formam. Eles são uma maneira de sistematizar e manter uma continuidade, no decorrer dos anos, de suas linhas de pesquisas e seus desdobramentos. Sobre o surgimento do NPMS - Núcleo de Pesquisa Sobre Movimentos Sociais, professora relata em sua entrevista:

“a mobilização foi naquele movimento de Diretas já. Exatamente foi nesse contexto que foi criado, pela professora Ilse Scherer-Warren, o Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais, no qual depois eu me vinculei, e do qual eu faço parte até hoje que inclusive vai fazer 40 anos, foi o primeiro Núcleo de pesquisa fundado pelo nosso Departamento, naquele contexto de muita turbulência e de muita eclosão de movimentos sociais”.

As entrevistas propiciaram a oportunidade de conhecermos detalhes das suas experiências e reflexões das próprias autoras sobre as suas pesquisas. No seguinte fragmento, uma professora compartilha insight que deu origem a artigo, referência na área do feminismo:

*(...) todo mundo fala que a mulher ganha menos porque faz um trabalho leve. Então **eu mostrei como o trabalho leve era pesado, cansativo, nocivo para saúde.** Um bocado de coisa. Tanto que, em algumas regiões, **o trabalho leve da mulher era diferente do trabalho leve da mulher em outras regiões.** Em outras regiões trabalho leve delas, era pesado, eram os homens que faziam.*

Reflexões também sobre o próprio protagonismo e engajamento no desenvolvimento das suas pesquisas científicas:

Eu tive sorte no meu trabalho de fazer boas amizades, mas passei muito frio, porque não tinha aquecimento nas casas. Eu estava muito isolada, eu não tinha família, eu tive filho lá. Tudo assim muito sozinha não foi fácil, mas eu sou corajosa. Exige uma certa coragem, eu já passei momentos que hoje eu penso, eu digo: “mas, meu Deus, como foi que eu fiz aquilo?”.

Nas narrativas também nos relatam momentos de orgulho e satisfação pelos resultados alcançados nos projetos executados ao longo da carreira:

Ter tido a possibilidade de estar num grupo que ajudou a comunidade na sua demanda, que é um esforço coletivo muito importante que resulta na vitória da comunidade, que tem sua reivindicação reconhecida. É possível dizer que são esforços coletivos da comunidade junto com um conjunto de núcleos de pesquisa, de pessoas, que acaba resultando em algo positivo. E isso sim é um projeto político. A gente se salva pelo coletivo, projetos e práticas coletivas. Em tempos de individualismo, a nossa salvação está no coletivo.

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Duzentos e um anos é a soma dos anos de dedicação à docência universitária na UFSC destas professoras³⁶. Muito tempo e inúmeros acontecimentos, principalmente por se tratarem de biografias de mulheres que se dedicaram a vida social. Como cientistas sociais, como professoras e como mulheres trabalhadoras, produtoras de conhecimento crítico, engajadas em seus questionamentos sócio-políticos e culturais. Tivemos o privilégio de poder ouvir suas histórias, anos após, às vezes décadas, após ocorridos, ressignificados agora por estas mulheres que já passaram por quase todas as etapas formais e naturais do desenvolvimento humano, que hoje gozam a maturidade para de poderem se expressar com liberdade.

É inegável a vasta contribuição política e acadêmica desta geração de mulheres presentes nos primeiros 50 anos do Curso de Ciências Sociais da UFSC.

Apesar de já existirem hoje trabalhos similares feitos em outras universidade e uma vasta bibliografia feminista sobre o tema das mulheres no campo científico, escutar as especificidades locais e ao nos deparar com dificuldades para resgatar informações básicas referente a biografia “oficial” das mulheres cientistas, ainda há pouco em atividade, é possível ver que existe muito campo para explorar quando tratarmos da valorização da mulher cientista e configuração e reconfiguração do campo científico a partir da presença das mulheres.

O trabalho doméstico está sempre presente ao tratarmos das mulheres trabalhadoras. Mesmo no caso das mulheres trabalhadoras produtoras de conhecimento científico, ciente das lutas feministas pela autonomia, vemos que os papéis sociais relacionados a gênero continuam a ser assumidos como se fossem "naturais".

Olhamos para essas mulheres e vemos que elas ralaram, estudaram, pesquisaram, questionaram, inovaram, orientaram, abriram novos campos científicos, contribuíram para o formação da Universidade, cuidaram dos filhos, da casa. Fizeram tudo, com maestria, com falhas, pois desenvolveram desde a infância essa qualidade de conseguir acolher e fazer tudo.

Entretanto, nos protagonismos aparecem os desequilíbrios: de poderes, de restrição à fala, retraimentos, desvalorização do pensamento - isso na vida privada e na social.

³⁶ Soma dos anos desde a posse até a aposentadoria.

Pude perceber através de seus relatos, além de informação sobre a atuação das mulheres nesses 50 anos do curso e seus perfis acadêmicos, muitas das "saías justas" pelas quais passaram. E observo que continuam acontecendo, com mulheres trabalhadoras, elas sendo ou não acadêmicas.

A partir de seus relatos, foi possível visualizar também com mais clareza as marcas deixadas por esta geração na luta contra a repressão do período militar e da luta pela redemocratização no Brasil. Esta geração foi socialmente reprimida e teve que focar em lutas específicas na luta pela reconstrução de um pensamento crítico e emancipador. E por isso, talvez, tenham temporariamente deixado para trás questões que hoje são muito importantes no campo das Ciências Sociais como colonialismo, sexualidade, interseccionalidades étnico-raciais. Fico imaginando: o que será que está ficando para trás agora nessa geração pós-pandêmica em formação?

Voltando a este grupo de incríveis professoras, elas se destacaram em muitos sentidos. Fizeram carreira em uma instituição que ajudaram a tornar-se renomada, em uma carreira de prestígio, alcançaram autonomia financeira, desenvolveram trabalhos importantes para as ciências sociais e relevantes para a sociedade brasileira. Elas avançaram muito, mesmo dizendo ou não que são feministas, elas atuaram na causa na medida que chegaram mais longe, abriram portas, assumiram novos papéis, potencializam os temas com a sua experiência pessoal. Avançaram, como boas professoras, para que nós alunas, alunos e leitores possamos chegar mais longe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABELINO, Douglas. **Centro de Filosofia e Ciências Humanas: narrativas de histórias e memórias**. In NECKEL, Roselane; KUCHLER, Alita Diana (org). UFSC 50 anos: trajetórias e desafios. Florianópolis (SC): UFSC, 2010, p. 250-278.

ALESSIO, Pollianna Aparecida. **História da antropologia na UFSC a partir da vivência e visão feminina**. Relatório final PIBIC/CNPq 2020-2021. Florianópolis (SC), 2021. 24p.

AMORIM, Barbara Michele. **O curso de Ciências Sociais na UFSC sob o olhar de suas professoras**. Relatório Final de Estágio Pós-Doutoral, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

AYRES, Carla. **Mulheres na Ciência Política: Lígia Helena Hahn Luchmann**. Projeto da Associação Brasileira de Ciência Política, gestão 2018-2020.

AUED, Bernadete; CAMPOS, Gloria; FERREIRA, Marilene. **Egressos do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina: profissão em movimento**. Mosaico Social, v.III,p.21-42, 2006.

BURKHARD, Gudrun. **Tomar a vida nas próprias mãos**. São Paulo: Antroposófica, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A Ilusão Biográfica**. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 62-63, p. 69-72, juin 1986. Tradução de Olívia Alves Barbosa.

BRITES, Jurema. Afeto, **Desigualdade e Rebeldia: bastidores do Serviço Doméstico**. Tese de Doutorado, orientadora Cláudia Fonseca. Porto Alegre (RS), 2000.

BUTZKE, Luciana; NEGHERBON, Caroline. **Pensamento social regional e a questão de gênero na obra de Anita Moser**. Caderno Espaço Feminino. V.32, n.2. Uberlândia (MG), 2019.

BONETTI, Aline de Lima. **Antropologia Feminista no Brasil? Reflexões e desafios de um campo ainda em construção**. Buenos Aires: Cuadernos de Antropología Social, núm. 36, diciembre, 2012, pp. 51-6.

BONETTI, Aline de Lima. **O modo Nigs de saber-fazer Antropologia no Sul do Brasil**. In: GROSSI, Miriam; SILVA, Simone; COSTA, Patricia. Tecendo Redes em Antropologia Feminista e Estudos de Gênero - 30 anos do NIGS UFSC. Florianópolis (SC), Tribo da Ilha, 2022.

CASTRO, Celso; D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Glaucio. 1994. **Os anos de Chumbo: memória militar sobre a repressão**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. 336p.

CORREIA, Mariza. **A natureza imaginária do gênero na história da antropologia**. Campinas: Cadernos Pagu, n. 5. Unicamp 1995. pp.109-130.

CORREIA, Mariza. **Antropólogas e Antropologia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

ESTEVEES, Atina Natine Schipitoski. **A importância das mulheres na consolidação do Curso de Ciências Sociais na UFSC**. Relatório final PIBIC/CNPq 2021-2022. Florianópolis (SC), 2022. 26p.

FONSECA, Claudia. **O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’**. Palestra 09/08/2007, UFRGS, Porto Alegre(RS). In: SCHUCH; VIEIRA e PETERS (orgs). Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2010. pp. 205-227.

GROSSI, Miriam Pillar. 2004. **A dor da Tese**. Ilha. Revista de Antropologia. Florianópolis (SC): v. 6, n.1 e 2, p. 217-230.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Antropologia em Primeira Mão. Florianópolis(SC), 1998.

GROSSI, Miriam Pillar; REA, Caterina Alessandra. **Mulheres na Ciência/ Gênero e Ciência: Construção de um Campo ou de dois Campos de Pesquisa?** In: GROSSI, Miriam Pillar; REA, Caterina Alessandra (org.). Teoria feminista e produção de conhecimento situado: ciências humanas, biológicas, exatas e engenharias. Florianópolis (SC): Tribo da Ilha; Salvador (BA): Devires, 2020, p. 1-6.

GROSSI, Miriam e REA, Caterina. **Teoria Feminista e Produção de Conhecimento Situado**. Florianópolis/Salvador, Tribo da Ilha/Devires, 2020.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da Educação Brasileira: leituras**. São Paulo (SP): ed. Cengage, 2003.

INGOLG, Tim. **Antropologia e/como Educação**. Petrópolis (RJ): ed. Vozes, 2020, p.9-36.

LAPA, Thaís de Souza. **Qualquer um(a) faz? Qualificação para o trabalho e relações sociais de sexo**. In: VILASBOAS; NUNES; TOSTA (org.) Trabalho, educação e sociedade: diferenças e desigualdades. Goiânia (GO): Cegraf UFG, Coleção SocioLogias, 2022, p.140-165

LOLATTO, Simone. **Mulheres na Política: Trajetórias das Vereadoras Titulares em Florianópolis/ SC (Brasil)**. Tese de Doutorado, Orientadoras: Tereza Kleba Lisboa e Luzinete Simões Minella, UFSC. Florianópolis, 2016.

LÜCHMANN, Lígia. **O curso de Ciências Sociais da UFSC**. Florianópolis (SC): Mosaico Social v. 1, n.1, p. 7-68, 2002.

MELLO, Soraia Carolina de. **Feminismos de segunda onda no cone sul debatem o emprego doméstico: relações entre empregadas e patroas**. Caderno Espaço Feminino v.23, n1/2, p.311-337, 2010.

MINELLA, Luzinete Simões. **Temáticas prioritárias no campo de gênero e ciências no Brasil: raça/etnia, uma lacuna?** cadernos pagu (40), janeiro-junho de 2013:95-140.

OLIVEIRA, Amurabi. **A formação de professores na Universidade Federal de Santa Catarina: uma análise de suas transformações curriculares no tempo.** Revista de Ciências Sociais. Fortaleza, v.49, n. 3, Nov 2018/ FEV 2019, p.429-453.

OLIVEIRA, Amurabi. **O ensino de ciências sociais na Faculdade Catarinense de Filosofia.** Ciências Sociais UNISINOS, v. 54, n. 1, p. 117-125, 2018.

OLIVEIRA, Amurabi. **O surgimento de uma antropologia meridional: a criação do Instituto de Antropologia em Santa Catarina.** Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste, 9 (21): 291-310, setembro a dezembro de 2022. ISSN: 2358-5587

PEDRO, Joana Maria. **Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978).** Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH, vol. 26, nº 52, jul/dez 2006.

SPIRANDELLI, Claudinei Carlos. **Trajetórias Intelectuais: professoras do Curso de Ciências Sociais da FFCL-USP.** Tese de doutorado, orientadora Maria Arminda do Nascimento Arruda. São Paulo, 2008.

SILVA, Elizabeth Farias da. **Ontogenia de uma Universidade: A Universidade Federal de Santa Catarina (1962-1980).** Tese de doutorado, orientador Moacir Gadotti. São Paulo (SP), 2000.

SOUZA, Candice Vidal e. **Ensinar Antropologia em Outros Tempos: As Mulheres e as Configurações do Mundo Acadêmico.** In: GROSSI, Miriam Pillar; REA, Caterina Alessandra (org.). Teoria feminista e produção de conhecimento situado: ciências humanas, biológicas, exatas e engenharias. Florianópolis (SC): Tribo da Ilha; Salvador (BA): Devires, 2020. p. 9-28.

SOUZA, Candice Vidal e. **Professoras de Antropologia em Minas Gerais: notas sobre a condição da margem.** Estudos Feministas. Florianópolis (SC): maio-agosto/2016.

SOUZA, Janice Tirelli Pontes de. **Apresentação do Dossiê: a sociedade vista pelas gerações.** Política e Sociedade, n.08, 2006.

TANURI, Leonor Maria. **História da formação de professores.** Revista Brasileira de Educação, Mai/Jun/Jul/Ago 2000 Nº 14.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Coordenadoria do Curso de Graduação em Ciências Sociais. Curso de Ciências Sociais da UFSC: Projeto Político Pedagógico. Florianópolis: UFSC, págs 17-19.

VERGARA, Suzana et al. **Reposicionando o olhar: pioneiras nas Ciências Sociais da UFSC.** Anais eletrônicos 21º Congresso Brasileiro de Sociologia, Belém (PA), 2023. <https://www.sbs2023.sbsociologia.com.br/anais/trabalhos/anais01#V> , acesso 12/08/23.

VERGARA, Suzana et al. **Reposicionando o olhar: pioneiras nas Ciências Sociais da UFSC.** Youtube, 09/06/2023. <https://youtu.be/ZakKFsizeu-0>, acesso 11/08/2023.